

UNIVERSIDADE REGIONAL E BLUMENAU
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FRITZ MÜLLER ENTRE A RELIGIÃO E A CIÊNCIA
UM ÉCO NO SÉCULO XIX
PRODUÇÃO CIENTÍFICA E CONTEXTAÇÃO DA IGREJA
NA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA

BLUMENAU

2008

JAIRO DEMM JUNKES

**FRITZ MÜLLER ENTRE A RELIGIÃO E A CIÊNCIA
UM ÉCO NO SÉCULO XIX**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao Departamento de História e Geografia do Centro de Ciências Humanas e da Comunicação da Universidade Regional de Blumenau como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador - Prof. Celso Kraemer

BLUMENAU

2008

(página reservada para a folha de aprovação da banca)

***Dedico este trabalho a todos os amigos,
familiares e aos que acreditaram e apoiaram a
materialização desse trabalho.***

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho contou com a ajuda de muitos colegas e professores, que hoje considero como amigos, a ajuda deles foi importantíssima para cumprir esta jornada. Este trabalho representa o início de minha carreira como historiador. Assim dedico o mesmo para: Claudia Rejane Noqueira Siqueira, que muito contribuiu com suas revisões dos textos, além do incentivo nos momentos difíceis em que pensei que fosse acabar soterrado pelas dificuldades, e, a ela dedico as mais belas flores do jardim da poesia, ao professor Celso Kraemer, que com seu conhecimento e com muita competência me orientou na elaboração deste trabalho, um especial agradecimento a Professora Sueli Maria Vanzuita Petry, pelos conselhos, bem como o auxílio prestado às minhas idas ao Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, especial gratidão também aos colegas acadêmicos Pedro Paulo de Oliveira Abreu, Carolina Francisca da Luz e Marcos Alexande Tambosi, membros da sociedade dos banquinhos onde além das agradáveis discussões, também encontrei apoio quando a carga da realização dos TCC's, parecia nos vencer, agradeço aos colegas de trabalho, o Sr. Nilton Sehnen e a professora Rubia Rosang Dias, pelo apoio no momento das minhas leituras, aos meus pais, Olando e Dolores, que de sua forma singular sempre torceram por mim, bem como minha irmã Estela. Não seria justo deixar de expressar digna gratidão ao casal Alfonso Demm (in memoriam) e Clara Marta Paulina Demm, meus avós, que com sua fala simples me conquistaram desde a infância, e despertaram em mim o desejo de conhecer outras épocas, através de seus relatos, e que mais tarde, na universidade, eu tomaria conhecimento com os estudos, através da disciplina História Oral.

Profissão de fé

Tudo aquilo que pensávamos baixinho e em segredo, mas com o coração batendo forte, solitários e confusos por desgostos, e que só para Deus era possível externar, deixemos agora que o mundo inteiro saiba, e que todas as bocas falem livremente, bem do fundo do nosso peito.

(Robert Prutz)

RESUMO

O presente trabalho trata dos problemas que podem advir da convivência, entre uma pessoa que resolve tomar uma postura racional para afirmar sua concepção de mundo, em um meio dominado pelo dogmatismo, criado pela igreja. O exemplo da vida de Johann Friedrich Theodor Müller (Fritz Müller), que passa a ter uma visão diferenciada da existência humana no tempo de faculdade, passando a demonstrar suas discordâncias em relação à sociedade que conviveu na Alemanha, bem como continuou posicionando-se em relação à fé cristã em sua vida na colônia de Blumenau e também no período que passou na capital provincial Desterro, hoje Florianópolis. Será feita uma revisão bibliográfica sobre estudos, vida e obras publicadas por escritores que se interessavam pelo Dr. Fritz Müller, dentro da realidade do século XIX, em que a ciência e a religião, tem um distanciamento ainda maior em virtude da publicação da teoria evolucionista de Charles Darwin.

Palavras-chave: Fritz Müller, Ciência, Religião, Colonização, Sociedade.

.

ABSTRACT

This paper deals with issues that may arise from living together, between a person who resolves to take a rational attitude to affirm their conception of the world, in an environment dominated by dogma, created by the church. The example of the life of Johann Friedrich Theodor Müller (Fritz Muller), which is replaced by a different vision of human existence in time for college, to demonstrate their disagreements in relation to society living in Germany and continued placing itself in relation to the Christian faith in his life in the colony of Blumenau in the period and also now in the provincial capital Desterro today Florianopolis. There will be a bibliographic review of studies, life and published works by writers who are interested by Dr. Fritz Muller, within the reality of the nineteenth century, in which science and religion, has an even greater distance due to the publication of the evolutionary theory of Charles Darwin.

Keywords: Fritz Müller, Religion, Colonization, Society

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	08
1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FRITZ MÜLLER E O CONTEXTO HISTÓRICO.....	12
2. 1. A PESSOAS DE FRITZ MÜLLER.....	12
2. 2. SÉCULO XIX, UM PERÍODO DE PROFUNDAS MUDANÇAS.....	16
2. 3. A CIÊNCIA X RELIGIÃO NO SÉCULO XIX.....	19
3 FRITZ MÜLLER, SUA OPÇÃO RACIONAL, CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS.....	22
3. 1. COLONIZAÇÃO NO VALE DO ITAJAÍ.....	22
3. 2. UM NOVO MUNDO NO HORIZONTE DE DR. MÜLLER.....	23
3. 3. A DECISÃO POR BLUMENAU: A VIDA DE MÜLLER NA COLÔNIA.....	24
3. 4. DOUTOR MÜLLER VAI PARA DESTERRO	25
3. 5. O RETORNO À COLÔNIA.....	25
3. 6. A VELHICE E MORTE EM BLUMENAU.....	30
4 FRITZ MÜLLER: RELIGIÃO X CIÊNCIA.....	32
4. 1. FRITZ MÜLLER E A SUA OPÇÃO RACIONAL.....	32
4. 2. FILOSOFIA, RACIONALIDADE E DOGMA.....	34
4. 3. DARWIN E O ROMPIMENTO COM A EXPLICAÇÃO DIVINA.....	36
4. 4. AGNOSTICISMO, UMA PROSTURA INTERMEDIÁRIA.....	37
4. 5. POSICIONAMENTO DA FILOSOFIA.....	38
4.6. FRITZ MÜLLER UMA MENTE TOMANDO POSIÇÃO.....	38
4. 7. FRITZ MÜLLER, RAZÃO E FÉ.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXOS.....	45
ARTIGO “RAZÃO E FÉ”, ESCRITO PELO DR. MÜLLER	44
ARTIGO “A MEMÓRIA DO DR. FRITZ MÜLLER”, PELO DR. GENSCH, EM 1900.....	49

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da vida de Fritz Müller, sua convicção com base na ciência, com a qual ele via a vida, sendo ele um indivíduo do século XIX, que teve contato em 1859 com uma possibilidade racional de ruptura definitiva entre a religião instituída pela igreja e noção de racionalidade científica. Foi neste ano, no mês de novembro, que Charles Robert Darwin, publica o seu livro sobre A origem das espécies por meio de seleção natural. Sobre a obra de Darwin, o Dr. Cezar Zillig escreve:

Publicada pela primeira vez em 24 de novembro de 1859, os 1250 exemplares desta primeira edição, se esgotaram em apenas um dia. Já em 7 de janeiro de 1860 apareceu a segunda edição de "*On The Origin os Species by Means of Natural Selection*" (*A Origem das Espécies por Meio da Seleção Natural*), simplesmente "*The Origin*" para os íntimos. Esta obra célebre, transformou seu autor, Charles Robert Darwin, em um dos maiores vultos científicos de todos os tempos e desencadeou a maior revolução intelectual desde o advento da cristandade. (ZILLIG, 1997, p. 2)

Charles Darwin, embora já tivesse sua teoria praticamente formulada, teve que publicar seu livro o mais rápido possível. Isso porque ele tomou conhecimento que um outro estudioso, Alfred Russel Wallace, tinha em suas pesquisas alcançado às mesmas conclusões que Darwin.

Embora Darwin tenha ficado com a primazia da elaboração, a teoria acaba sendo atribuída aos dois, por mais que o nome de Wallace, não seja citado na maioria das referências.

Essa teoria tira da figura de Deus, a imagem de criador de todas as criaturas, e afirma que todos os seres vivos, na verdade resultado de sucessivos cruzamentos, que conforme a região passa a ter características diferenciadas.

Uma teoria, que faz afirmações dessa magnitude, precisa de pesquisas que comprovem suas idéias. Dessa forma Darwin e Wallace passam a se corresponder com uma série de estudiosos, que tentaram através de constatações empíricas comprovar as formulações da teoria evolutiva.

Entre esses estudiosos correspondentes podemos citar alguns, do círculo mais próximo de Darwin, como Thomas Huxley (Thomas Henry Huxley), Ernst Haeckel (Ernst Heinrich Philipp August Haeckel), William Hooker (William Jackson Hooker) e Fritz Müller (Johann Friedrich Theodor Müller) (NASCIMENTO, 2000, p. 80). Sendo esse ultimo o foco dessa pesquisa.

Fritz Müller, vivendo na província de Santa Catarina, mais precisamente na colônia

Blumenau e durante doze anos em Desterro¹, capital da província. Dr. Müller, passou a se corresponder intensamente com Charles Darwin, após a publicação do livro de Fritz intitulado *Für Darwin*, onde é encontrado um processo de observação metódico que Muller descreveu e ajudou a comprovar com observações práticas a teoria composta por Darwin.

Müller correspondeu-se com praticamente todos os outros membros da lista de contatos de Darwin, além de muitos outros cientistas.

E como não poderia deixar de ser, sendo um defensor das idéias evolucionistas, Fritz Müller também passa a ter desavenças com os membros do clero. Esta relação com a igreja lhe era bem familiar, pois vinha de uma descendência de pastores protestantes. Foi um dos motivos que levaram à migração de Müller para o outro lado do oceano, sendo que na província de Santa Catarina não estaria livre dos confrontos com a representação da igreja, mas sim, de um desconforto de ter nesses representantes a pessoa de um membro de sua família, como seu pai ou tio (ambos eram pastores).

Em sua vida na província, os conflitos ideológicos foram bastante freqüentes, pois Müller não se furtava o direito de marcar de forma bem clara suas posições em relação à religião.

Em um país declaradamente cristão como o Brasil, é bem compreensível que uma figura como era Dr. Müller, que defendia a ciência, e negava a religião, acabasse ficando de certa forma oculto da notoriedade em território nacional, sobre isso podemos constatar conforme o trecho da revista, *Blumenau em Cadernos*:

“Fritz Müller é o único cientista que, no Brasil, tem uma estátua em praça pública, na cidade de Blumenau. Ainda que lá seja venerado, e por extensão no estado de Santa Catarina, é imenso o abismo do atual desconhecimento no país, tanto no meio acadêmico como pela população leiga.” (FONTES, 2008, p. 23),

O caso do Dr. Müller, mostra com clareza os problemas que podem ocorrer com as pessoas que encaram a existência humana de uma forma diferente. Pois estas, além de enfrentarem o preconceito da sociedade onde vivem, carregando esse preconceito mesmo após sua morte, Dr. Fritz Muller com seu nome, apesar de seus feitos, não teve a mesma projeção que tiveram seus colegas de correspondências.

¹ Atual cidade de Florianópolis.

2 FRITZ MÜLLER E O CONTEXTO HISTÓRICO

2.1 A PESSOA FRITZ MÜLLER

Em 31 de março de 1822, em Windschholzhausen nas proximidades de Erfut, região da Turíngia e que desde 1815 fazia parte da província da Saxônia e do território da Prússia, nasceu Johann Friedrich Theodor Müller, filho mais velho do pastor luterano Johann Friedrich Müller e de Dorothea Trommsdorff.²

Pastor Müller (pai de Fritz Müller) era responsável por uma comunidade carente, com uma arrecadação modesta. O que chama atenção é que, apesar de ser filho de um pastor e ter uma ligação próxima com a fé cristã luterana, ele teve vários parentes dedicados aos conhecimentos científicos. Johann Bartholomäus Trommsdorff (1770-1837) avô materno de Fritz Müller que por sua vez, era filho de um professor de medicina de Erfut. Podemos concluir que os parentes influenciaram de alguma forma nas escolhas do Dr. Müller, pois alguns membros de sua família ao que consta eram envolvidos com a medicina, como mostra o exemplo de seu bisavô. Outras áreas também estavam presentes, como a filologia, Hieronymus Trommsdorff (1785-1861) tio de Fritz Müller se dedicava ao estudo de idiomas, bem como Johann August Nauck (1822-1892), primo de Müller, estudou filologia e chegou a ser professor de grego em São Petersburgo. Fritz Müller ainda teve um sobrinho chamado Hermann Müller-Sagan (1857-1912) que se doutorou em Filologia, chegando a ser parlamentar durante quinze anos.

Os conhecimentos em linguagem puderam ser percebidos como área de interesse de Fritz Müller, conforme se pode perceber no Livro *Fritz Müller: Reflexões biográficas* quando o autor escreve:

Se eu tivesse encontrado algum apoio na tentativa de aprender Italiano, Russo, Círio e Árabi - Escreve ele em 1881 ao seu irmão Hermann – teria me tornado, provavelmente, um lingüista ao invés de um naturalista. E pediu-lhe a remeça de gramáticas e dicionários em de polonês e russo. (MÜLLER, apud FRIESEN 2000, p. 94).

Este era um período de muitas dificuldades na Alemanha. Eram trinta e nove estados que compunham a Federação Alemã. Cada uma das regiões tinha seus sistemas administrativos organizados de maneira diferente seguindo padrões próprios de governo. As crises eram constantes e afetavam diretamente a população de muitos destes estados. A fome era um dos principais problemas enfrentados pelas famílias de baixa renda.

Mesmo passando necessidades as pessoas tiravam uma parcela de sua arrecadação para contribuir com a igreja, isso ilustra a importância da religião na comunidade. O pastor Müller, além de desempenhar a função religiosa também exercia o ofício de professor³ e agricultor. Com poucos recursos a família conseguiu sobreviver, inclusive tornando possível o acesso de Fritz Müller e seus irmãos⁴ à educação. Durante o ensino básico Fritz teve como professor seu próprio pai. Sobre esse período Cezar Zillig relata:

Seu pai (pai de Fritz) era um modesto pastor, responsável por uma das mais pobres paróquias da Alemanha de então, sendo obrigado a completar sua receita doméstica com a atividade de agricultor; mesmo assim, seu pai (pai de Fritz) não permitiu que ele pleiteasse uma bolsa de estudo. (ZILLIG, 200, p. 128)

Esse sistema de ensino, no qual a liderança religiosa assume o papel de educador, pode ser percebido também na colônia de Blumenau. Não era uma exclusividade dos protestantes, mas era também dos padres católicos, em algumas regiões de maioria italianas mais distantes do centro da colônia, que muitas vezes assumiam a responsabilidade de alfabetizadores.

Essas escolas escolhiam os professores (caso não fossem do clero) para serem contratados e ensinarem a língua do país de origem, bem como sua cultura e obviamente suas crenças religiosas.

Ainda na Europa, passado o estágio da educação básica, Fritz Müller foi estudar em Erfut (1835-1840), já que na sua cidade natal não havia o curso ginasial. A necessidade de migrar para outra cidade, mesmo que próxima mostra as dificuldades vividas naquele período, poucos tinham a possibilidade de freqüentar a escola. O número de estudantes sofria ainda uma queda quando passavam do ensino básico para o intermediário. Seria contraditório deixar os filhos estudando se a família estivesse passando por necessidades. Neste período Fritz Müller já demonstrava interesse no aprendizado de outras línguas, como citado acima.

Em 1844 doutorou-se em filosofia, tendo estudado anteriormente matemática e ciências naturais em Greifswald e Berlim. Neste momento da história a filosofia envolvia uma gama considerável de saberes, como as ciências naturais, não se dedicando

² No total o casal teve sete filhos, além de Fritz, também: Charlotte (1823), August (1825), Rosine (1827), Hermann (1829), Luise (1832), Ludwig Theodor (1835). (PINTO; 2000)

³ Ofício de professor exercido pelo pastor Müller, além de ser mais uma profissão exercida pelo pastor dá uma idéia de bem vida de como o representante da fé cristã era presente na comunidade, isso ocorreu, em grande parte, com o avanço do protestantismo, que visava maior esclarecimento das comunidades, incentivando a construção de escolas próximo das igrejas, modelo que depois também foi reproduzido pelos católicos.

exclusivamente ao estudo dos pensadores.

Com o título de doutor, conquistado em 1845, Dr. Müller tinha a intenção de ser professor ginásial, carreira que acabou interrompendo para entrar para a faculdade de medicina.

No ano seguinte Müller ingressa no curso de medicina, em Greifswald, pois projetara ser médico de bordo e conhecer outros lugares. Na faculdade de medicina passa a fazer parte de grupos de leitura de jornais liberais. Tais jornais geralmente eram de oposição às ideologias que governavam a Europa deste período. Nestes grupos também circulavam livros como os de Karl Marx e Ludwig Feuerbach. Tais leituras foram lembradas por ele posteriormente:

Embora tenha achado de pouca utilidade o que aprendi como estudante de Medicina, em Greifswald, considero os anos lá vividos como os mais importantes para o meu desenvolvimento intelectual. (MÜLLER, apud FRIESEN 2000, p. 96)

Neste texto, quatro anos antes de sua morte, percebe-se a importância da doutrina científica materialista, com as quais teve contato no curso de medicina que tivera em sua formação.

Os autores, lidos e discutidos no ambiente universitário, tratavam a existência humana de uma forma mais racional, não amparado em ideologias religiosas. O convívio com leituras e discussões desta natureza marcaram profundamente o Dr. Müller e podem ser percebidas através de alguns episódios, como a formatura no curso de medicina, quando se recusa a fazer o juramento no qual pediria a ajuda de Deus, conforme a tradição da época.

A medicina era considerada uma atividade contraditória, pois aos olhos da época, ela profanava o corpo humano, tanto na atividade científica (estudos com cadáveres), quanto na prática médica (intervenções cirúrgicas), mas mesmo assim os médicos faziam um juramento pedindo a ajuda de Deus para a melhor realização do seu ofício.

As convicções racionais fizeram com que Dr. Fritz Müller se negasse a pedir a ajuda de Deus para a realização de sua atividade enquanto médico, pois achava incoerente tal juramento em relação à atividade médica. O corpo humano, na concepção religiosa, era considerado “morada do espírito”, algo sagrado e o médico, por sua vez no exercício de sua profissão profanava essa obra de Deus. Na ambigüidade do juramento, Fritz Müller preferiu a postura científica, não proferindo o compromisso que lhe parecia uma exigência religiosa, invocando Deus.

⁴ A possibilidade de estudo a Fritz e seus irmãos, refere-se exatamente aos indivíduos homens da família. O que não acontecia necessariamente com as mulheres.

Paradoxalmente ele aceita fazer o juramento cristão no qual pede a bênção de Deus ao casar-se com Caroline Töllner, com 20 anos na época, filha de um camponês de Loitz, pequeno território a sudoestes de Grefswald. O namoro de Müller com Caroline ficou um bom tempo sem ser citado nas correspondências para a família, até que em maio de 1849 nasce Luise. A família Müller já estava bastante abalada com a postura de Fritz em relação à fé. Recebeu mais um duro golpe quando soube que ele tinha uma namorada e que esta tinha uma filha sua. Ele teve ainda mais uma filha, de nome Johanna Friederike Caroline, em março de 1852. Para a tristeza de Fritz, logo em seguida vem a falecer sua filha mais velha, antes de completar três anos. Pouco tempo depois Fritz vai morar com sua noiva, com a qual se casa em abril de 1852.

Fritz e Caroline casaram-se pouco antes de migrar para o Brasil. Essa atitude do Dr. Müller provavelmente foi uma forma de tentar poupar sua esposa de um preconceito bastante forte na época, no qual a mulher tinha como objetivo casar e construir um lar com filhos. A vida privada de Fritz Muller e sua opção de casar-se com uma simples filha de camponês, era uma postura comum num período em que o homem, ao escolher uma mulher para o matrimônio, preferia uma esposa que pudesse ser responsável pelas atividades domésticas, não alguém com quem o homem dividiria todas as responsabilidades. Era evidentemente uma postura machista da época e muito incentivada pelos representantes da igreja. As opiniões de Fritz Müller podem ser percebidas em obra Julius Fröbel⁵, conforme ele mesmo declara:

A vida feminina é dominada, desde o início, pela forma da sensibilidade, a masculina, pela forma da reflexão. Assim, na reciprocidade de natureza e cultura, a mulher fixa-se em resultados e impulsos da natureza e o homem, na cultura. (MÜLLER, apud FRIESEN 2000 p. 102)

Segundo essa concepção, o matrimônio dava ao homem uma companheira que seria responsável pela manutenção do lar e não uma parceira intelectual, ela tinha uma função inferior. Assinala ainda que dois seres não poderiam viver um matrimônio harmonioso se tivessem habilidades semelhantes, pois a tendência seria viver em constantes conflitos por conta das diferenças.

Apesar da forma intensa que Fritz Müller se relacionava e discutia a religião, pode-se perceber que mesmo assim ele tinha uma postura machista comum à mentalidade do século XIX, influenciada pela religião cristã, segundo a qual a mulher é subjugada, tendo como função as atividades domésticas e a educação dos filhos. Sobre esse prisma, nem

⁵ Em carta Fritz Müller recomenda a leitura do livro SISTEMA DA POLITICA SOCIAL, para que fosse lido pela sua madrastra, livro no qual encontrariam muitas de suas opiniões.

o Dr. Müller com toda sua vontade de racionalização, de romper com uma visão dogmática do mundo que o cerca, conseguiu se livrar totalmente da influência de condutas religiosas.

O juramento a Deus, no casamento religioso, foi aceito por Fritz Müller como uma possível tentativa de proteger sua esposa de preconceito, por ter filhos e não ser casada. Ao contrário, na faculdade de medicina se negou ao juramento religioso, para fazer a formatura, demonstra a ambigüidade não somente de Fritz Müller, mas também de seu tempo. Temos assim, um retrato em cores realidade da época.

Por mais que Darwin tenha publicado sua teoria sobre a origem das espécies⁶, a religião tinha ainda grande influência ideológica na Europa, não só entre as classes com pouco acesso à informação, que em grande parte eram analfabetos, mas também entre camadas mais elevadas, inclusive no meio acadêmico, que ainda apresentava fortes indicativos da fé cristã. Até um acadêmico, em vias de se formar em medicina, uma ciência com bases materialistas, tinha que jurar com a mão na bíblia e pedir a ajuda de Deus no exercício de sua atividade profissional.

2.2 SÉCULO XIX, UM PERÍODO DE PROFUNDAS MUDANÇAS.

Em meados do século XIX verifica-se a continuidade de um processo que vinha desde o fim da Idade Média. Processo que tinha seu caminho traçado por um modelo de pensamento ancorado cada vez mais na ciência. Algumas das idéias e descobertas científicas tiveram significado mais determinantes, como as grandes navegações que levaram os europeus para localidades distantes, atravessando oceanos, comprovando a idéia de que o nosso planeta é redondo, e também a derrubada da idéia do geocentrismo, fazendo agora, o planeta girar em torno do sol.

Seguindo o processo de advento do pensamento científico, a religião teve que se adequar aos novos fatos, presentes na rotina das pessoas. Na segunda metade do mesmo século XIX, outra afirmação por parte da ciência, cria um ambiente de desconforto entre o desenvolvimento da mesma e a religião cristã, no continente europeu, a teoria da evolução de Charles Robert Darwin. Ela afirmava que, a diversidade entre os seres vivos era fruto de cruzamentos entre os indivíduos mais aptos, ocorrendo assim uma seleção entre as espécies. Esse processo ficou conhecido como “a teoria da evolução das espécies por meio de seleção natural”, publicada em 24 de novembro de 1859.

⁶ THE ORIGIN, primeira publicação em 1859, livro que em edições posteriores Fritz Müller é muitas vezes nota de rodapé.

Ainda sabemos menos das relações mútuas dos inumeráveis habitantes da terra durante as diversas épocas geológicas passadas de nossa história. Ainda que muito permanece, e permanecerá por um longo tempo obscuro, não posso, depois do estudo mais profundo e do juízo imparcial de que sou capaz, resguardar alguma dúvida de que a opinião que a maior parte dos naturalistas manteve até agora, e que mantive anteriormente – ou seja, cada espécie foi criada independentemente - , é errônea. Estou completamente convencido de que as espécies não são imutáveis e de que as que permanecem ao que se chama mesmo gênero são descendentes diretos de alguma outra espécie, geralmente extinta, da mesma maneira que as variedades reconhecidas de uma espécie são descendentes desta. Além do mais, estou convencido de que a seleção natural foi o meio mais importante, mas não único, de modificação. (DARWIN, (s.d.), p. 22)

A teoria evolucionista de Darwin, mesmo circulando no meio acadêmico, teve suas consequências estendidas socialmente, sendo uma obra de grande vendagem. Assim a segunda metade do século XIX foi um período em que a Europa passava por transformações políticas; muitas nações passavam por crises, o que fez com que muitos europeus se sentissem atraídos pela possibilidade de migrar para o outro lado do oceano, com a chance de obter um pedaço de terra em seu nome. Neste período a fome não era algo incomum na Europa. As famílias tinham dificuldades para conseguir o alimento. Assim, é compreensível que a sobrevivência fosse dada como prioridade em relação ao acesso ao conhecimento. Pode-se supor então que, pela carência financeira o acesso aos livros de Darwin era restrito.

Suas idéias podiam ser difundidas de formas diferenciadas já que a grande parte da população não sabia ler. A interpretação dos escritos ficava disponível para uma minoria, esses poucos ou se concentravam em uma classe mais favorecida da sociedade, ou pertenciam ao clero, tanto católico quanto protestante. Essa presença do sacerdote pode ser constatada na colonização do Vale do Itajaí, onde estes sacerdotes além de fornecerem uma visão do mundo para seus fiéis, também mantinha uma questão de identidade, como por exemplo, o luteranismo para uma parte dos alemães, bem como o catolicismo para muito imigrantes italianos, entre estes, Norberto Dallabrida extrai a seguinte passagem:

A nossa raça, que não é má, mas que não foi criada para viver no sistema conventual, reclama os seus justos direitos, isto é, sacerdotes seculares italianos ou ao menos latinos, e assim haveremos já um bom melhoramento; e se por ventura não pudermos nos desvincular do domínio franciscano, ao menos possamos ter franciscanos latinos (...) porque nós não podemos mais tornar-nos alemães. (LARGURA apud DALLABRIDA, 2000, P. 59)

Os membros do clero faziam a leitura e a interpretação dos textos que tinha acesso, como os das idéias de Darwin bem como de qualquer outro membro de seu grupo de pesquisa (ou de qualquer outro tema relacionado à pesquisa científica).

Popularizavam o conhecimento produzido, interpretação essa que era feita com base nos seus valores religiosos.

A população que passava fome no continente europeu, causada por crises políticas de estados nacionais que definiam sua soberania territorial e estavam com suas monarquias em queda, como o advento da industrialização da qual ainda pode-se perceber os efeitos quase cem anos depois da Revolução Industrial. Fazendo com que artesãos tivessem que abandonar seus ofícios para servirem de mão de obra barata para as recém formadas indústrias. Sendo assim, muitas pessoas ficaram desempregadas e presenciando serem extintos muitos dos ofícios que exerciam. Vivendo nessa realidade muitas famílias se sentiram estimuladas em migrar para outros continentes.

Mesmo com o conhecimento científico disseminado no meio acadêmico e nas camadas mais populares que não tinham acesso à leitura, o pensamento religioso continuava sendo referência em suas decisões cotidianas. Tal influência religiosa acabava não só exercendo uma função de guia para as comunidades, mas também moldando uma identidade com a qual as pessoas se identificavam. Constituía-se assim, por meio da igreja a identidade do indivíduo na comunidade. A exemplo disso percebe-se a colônia de Blumenau com a experiência dos imigrantes vindos da Alemanha, baseados na crença e nos ensinamentos luteranos (em sua maioria) inseridos em um país que, até aquele momento era predominantemente católico.

Havia poucos representantes luteranos na região no início da colonização de Blumenau, mas estes poucos já tinham o desejo de construir uma estrutura para a colônia e em especial a construção de uma igreja. Sobre esse início da colonização, em passagem pela região em 1861, o viajante Johann Jakob von Tshudi observa:

Blumenau ainda não possui nenhuma igreja, nem mesmo uma residência para o diretor. Contudo pelo governo é projetada a construção de uma igreja protestante e de uma católica, de um hospital, de uma casa para o diretor da colônia, e de uma escola para moças, porém talvez, ainda demore muito anos até que estes planos seja executados. (TSCHUDO, 1988, p. 53)

As diferenças entre ideologias religiosas poderiam causar conflitos, como ocorreu cerca de dois séculos antes, em plena Europa. Retratado no livro de Voltaire, intitulado Tratado sobre a tolerância, escrito em 1763. Nessa obra, François-Marie Arouet (Voltaire), narra a situação de uma família para demonstrar o grau de intolerância entre católicos e luteranos.

O assassinato de Calas, cometido em Toulouse com o poder da justiça, no dia 9 de março de 1762, é um dos mais singulares acontecimentos que merecem a atenção de nossa época e da posteridade. Logo se esquece essa multidão de

mortos que pereceu nas inumeráveis batalhas, não somente porque é fatalidade inevitável da guerra, mas porque aqueles que morrem pela sorte das armas podiam também dar morte a seus inimigos e não pereceram sem defender-se. Onde o perigo e a vantagem são iguais, a surpresa cessa e a própria piedade se enfraquece; mas se um pai de família acusado não tem defesa alguma a não ser sua virtude; se os árbitros de sua vida nada têm a arriscar ao degolar senão o fato de se enganarem; se podem matar impunemente por uma sentença, então o grito do público se levanta, cada um passa a temer por si próprio, vê-se que ninguém está seguro de sua vida diante de um tribunal erigido para vigiar pela vida dos cidadãos e todas as vozes se reúnem para pedir vingança. Trata-se, nesse estranho caso, de religião, de suicídio, de parricídio; trata-se de saber se um pai e uma mãe haveriam de estrangular o filho, para agradar a Deus, se um irmão havia estrangulado seu irmão, se um amigo havia estrangulado seu amigo e se os juizes tinham do que se recriminar por terem levado à morte na roda um pai inocente ou terem poupado uma mãe, um irmão, um amigo culpados. (VOLTAIRE, (s.d), p. 15)

O autor faz uso de um fato de grande repercussão, ocorrido na França do século XVII. Retrata o problema que poderia surgir por causa das diferenças entre as ideologias católicas e protestantes, demonstrando o que pode acontecer quando as convicções religiosas são levadas a pontos extremos, mesmo entre doutrinas ideologicamente próximas como: o catolicismo e o protestantismo.

2.3 A CIÊNCIA X RELIGIÃO NO SÉCULO XIX

O século XIX foi um século que demonstrou com maior clareza um processo que já vinha se desenrolando nos séculos anteriores. Sendo a continuidade de um período de florescimento científico e de modificações importantes na mentalidade social da época, enfraquecendo muito do que havia sido estabelecido pela igreja até então.

Se nos séculos anteriores, a igreja tinha à sua disposição recurso como o exército da inquisição, muito comum na Idade Média, no século XIX, essa forma de conflito resultou em sensíveis mudanças. Um bom exemplo da atividade da inquisição está no livro de Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes*, investigação que retrata o caso de Domenico Scandella, que ficou conhecido como Menocchio, que estava inserido em uma cultura popular de uma comunidade da época:

Uma investigação que, no início, girava em torno de um indivíduo, sobretudo um indivíduo aparentemente, fora do comum, acabou desembocando numa hipótese geral sobre a cultura popular – e, mais precisamente, sobre a cultura camponesa – da Europa pré-industrial, numa era marcada pela difusão da imprensa e a Reforma Protestante, bem como pela repressão a estes últimos nos países católicos. Pode-se ligar essa hipótese, em termos semelhantes por Mikhail Bakhtin, e que é possível resumir no termo “circularidade”: entre a cultura das classes dominantes e das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo (exatamente o oposto, portanto, do

“conceito de absoluta autonomia e continuidade da cultura camponesa” que me foi atribuído por certo crítico). (GINZBURG 2007 p. 10)

As autoridades religiosas interferiam diretamente nas nações, inclusive excomungando um monarca, e este não teria mais a legitimidade de seu reinado. A igreja não podendo mais interferir e manipular as cúpulas reais passa a realizar seu trabalho de catequização do povo, onde tem ainda grande influência.

Esse envolvimento doutrinário com o povo faz com que se tenha uma influência diferenciada, seja recolhendo os impostos que mantêm a estrutura financeira do clero ou pregando valores que faziam com que os membros da igreja se mantivessem. Com essa influência doutrinária a bíblia era usada como ferramenta importante, não estimulando a leitura da mesma, mas fazendo pregações nela embasadas, mantendo ainda assim a população analfabeta.

Sobre essa influência dos membros do clero, em 1783, designava a submissão à forma de fé social como “A menor idade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de outro” (KANT, 1783) Assim, Kant fala da importância das pessoas tentarem se livrar desse estado de menor idade através do “Esclarecimento”, sendo que o representante da igreja deveria ter um papel importante nesse sentido como ele mesmo relata:

Um padre está obrigado diante de seus catecúmenos e sua paróquia a fazer seu sermão de acordo com o símbolo da Igreja à qual ele serve; pois ele foi empregado sob essa condição. Mas, enquanto erudito, ele dispõe de liberdade total, e a mesma vocação para tanto, de partilhar com o público todas suas idéias minuciosamente examinadas e bem intencionadas que tratam de falhas desse simbolismo e de projetos visando uma melhor abordagem da religião e da Igreja. Não há nada aí que seja contrário à sua consciência. Pois o que ele ensina em virtude de sua função enquanto dignitário da Igreja, ele o expõe como algo que ele não pode ensinar como quiser, mas que é obrigado a expor segundo a regra e em nome de outra. Ele dirá: nossa Igreja ensina isto ou aquilo; para sua paróquia dos preceitos os quais, por sua parte ele não subscreve com convicção total, moas que ele expõe de modo sólido, pois não é impossível que haja neles uma verdade oculta, e em todo caso, manda há ali que contradiga a religião interior. Pois, se ele julgasse encontrar tal coisa, não poderia em consciência exercer sua função; deveria demitir-se. O uso, portanto, que um pastor em função faz de sua razão diante de sua paróquia é apenas um uso privado; pois esta é uma assembléia e tipo familiar, qualquer que seja sua dimensão; e, levando isso em conta, ele não é livre para enquanto padre e não tem o direito de sê-lo, pois ele executa uma missão alheia a sua pessoa. (KANT, 1783, p. 4)

Assim, segundo Kant (1783), o representante da igreja, tanto católica quanto luterana, apesar de terem acesso ao conhecimento, através de suas leituras não têm a liberdade para pregar algo que se afaste muito da ideologia da igreja.

Estimulados por Lutero, os seguidores fizeram a tradução da bíblia para o alemão fazendo com que a população pudessem compreender as escrituras, posteriormente

houve o incentivo para construção de escolas junto às igrejas para o estudo da bíblia traduzida.

Mesmo assim, com o acesso de alguns membros da sociedade à leitura, e subsequentemente ao conhecimento, o próprio Kant faz a seguinte constatação:

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma parte tão grande dos homens, libertos há muito pela natureza de toda tutela alheia (naturaliter majorennnes), comprazem-se em permanecer por toda sua vida menores; e é pior isso que é tão fácil a outros instituírem-se seus tutores. É tão cômodo ser menor, se possuo um livro que possui entendimento por mim, um diretor espiritual que possui consciência no meu lugar, um médico que dedica acerca de meu regime, etc., não preciso eu mesmo esforçar-me. Não sou obrigado a refletir, se é suficiente, pagar; outros se encarregarão por mim da aborrecida tarefa. (KANT, 1783, p. 1)

3 FRITZ MÜLLER E O NOVO MUNDO

3.1 COLONIZAÇÃO NO VALE DO ITAJAÍ

Ante destes relatos acima podemos ter uma idéia do mundo no século XIX. E é neste contexto que o Dr. Blumenau começa a trazer imigrantes alemães para a região do meio Vale do Itajaí. Apesar de colonizar uma região declaradamente católica, ele traz em um primeiro momento com preferência, imigrantes da sua região natal que cultuasse a mesma fé luterana que ele.

Mesmo depois de Dr. Blumenau não ser mais o proprietário da colônia, tornando-se funcionário do império, continua exercendo forte influência na comunidade. Gaspar passa a fazer parte da colônia de Blumenau, mesmo sendo uma comunidade católica, ao contrário do centro predominantemente luterana atualmente (região da Rua das Palmeiras).

Existiam ainda comunidades que ficavam situadas nas regiões onde hoje se encontram as cidades de Rodeio, Rio dos Cedros e Ascurra, que eram predominantemente católicas. Tais comunidades reivindicavam a presença de um guia espiritual (sacerdote, que falasse o dialeto dessas comunidades)⁷ e que no projeto de colonização poderiam ser aceitas, mas que deveriam ficar alojadas separadas da comunidade Luterana, por se tratarem de Italianos em sua maioria.

A presença do clero, tanto católico quanto luterano, foi fundamental para levar palavras de “esperança” ao rebanho que tinha uma realidade difícil em meio a regiões pouco habitadas e de difícil acesso. Se na Europa, no final do século XIX, já havia uma tentativa de explicar o mundo com uma visão científica, não tão centrada na figura de Deus como senhor supremo, por aqui, em meio a uma floresta ainda pouco explorada, a religião se torna uma forma interessante de amenizar o trauma das diferenças culturais em relação a seu país de origem.

A religião servia também como forma de distribuir os grupos. Os colonos protestantes luteranos vinham de uma parte da Alemanha e os católicos de outra região. Dessa forma, a religião teve importante função no processo de ocupação nas terras na colonização, ajudando a definir inclusive a identidade dos grupos nos diferentes pontos da colônia.

3.2 UM NOVO MUNDO NO HORIZONTE DE DR. MÜLLER

Fritz Müller não aceitou se submeter à mentalidade religiosa da sua terra natal. Isto se tornou um grande estímulo para que migrasse ao outro lado do Atlântico. É evidente que ele sabia que a região para onde resolvera migrar não estava isenta de dogmatismos. Já habituado ao convívio estreito com membros da igreja, opta por uma distância segura, para que pudesse expressar suas convicções sem o constrangimento de uma reprovação de sua família, levando-se em conta que, além de seu pai também seu tio Müller pertenciam ao clero.

Após ponderar sobre sua realidade na Europa, em 1852, mais precisamente em 19 de maio Fritz, acompanhado de sua esposa e filha e também do irmão August com sua esposa, embarcam no veleiro Forentin, rumo ao Brasil.

A viagem rumo à liberdade no continente americano, mas que tinha seus sofrimentos, conforme relata Moacir W. de Castro, no livro *O sábio e a floresta*:

À altura do Equador começaram as doenças, fazendo estragos cada vez maiores. O sarampo atacou as crianças e não poupou nem mesmo os adultos. Poucos escaparam às diarréias. (CASTRO, 1992, p. 40)

Este relato faz referência às péssimas condições de saúdes nas embarcações da época. Ficava-se um longo período em alto mar, cada vez mais difícil ter uma refeição saudável. As más condições de saúde afetavam principalmente a fragilidade das crianças, provocando muitas mortes. Um exemplo disso foi a tripulação do veleiro Florentin onde “lam a bordo doze crianças. Quase todas foram atacas pelo sarampo. Morreram dez. De um só vez, no dia 25 de junho, foram atirados ao mar cinco pequenos cadáveres.”(Castro, 1992, p. 40)

A falta de conforto na viagem era tão precária que se podia comparar às condições sanitárias das embarcações com os navios que transportavam os escravos⁸.

Entre as crianças menores que embarcaram, a filha de Fritz, Anna Müller, foi uma das poucas que chegou viva no Brasil. Sobre isso o próprio Fritz deixou um registro:

Nossa Anna deixou o navio tão bochechuda como ao embarcar. Nos dias de mau tempo ela brincava e ria enquanto as outras crianças choravam, e à noite ferrava no sono. Foi a minha alegria de todas as horas a bordo, e me deu ânimo entre tantos aborrecimentos e desgostos. (MÜLLER apud CASTRO, 1992 p. 40)

⁷ Essas comunidades eram atendidas pelo padre José Maria Jacobs.

⁸ Essas embarcações (de transporte de escravos) ainda eram comuns, apesar de em 1852, já ser proibida, com forte pressão feita da Inglaterra.

Em 18 de julho o veleiro Florentin chega a São Francisco, no litoral de Santa Catarina, mas somente em 21 de agosto, chegaram à colônia de Blumenau. Ali se instalam provisoriamente na casa do administrador, antes de irem morar em sua própria residência.

3.3 A DECISÃO POR BLUMENAU: A VIDA DE MÜLLER NA COLÔNIA

O ambiente de tensão com a moral religiosa, sendo improvável a possibilidade de se sujeitar, faz com que Fritz Müller passe a considerar as possibilidades de migração. A princípio tem grande interesse pelo Chile, mas depois toma conhecimento da colônia de Blumenau, no sul do Brasil, fundada e administrada pelo Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, que Fritz tinha conhecido anos antes, através de seu avô Johann Bartholomaeus Trommsdorff, que era farmacêutico, assim como ele.

A migração para a colônia gera um alívio em relação ao peso de ter um constrangimento na terra natal, conforme descrito por E. Roquette Pinto, "A liberdade com que sonhava foi assim alcançada, nas clareiras das matas que o seu próprio terçado derrubava." (PINTO, 1979, p. 15).

Na nova vida na colônia de Blumenau, Dr. Muller volta a escrever para a sua estimada irmã, de forma mais amena se limitando a citar apenas o lugar que escolheram para morar, ele e seu irmão August, próximo ao rio Itajaí Açu, isso talvez até como uma forma de amenizar um pouco as tensões em relação à questão religiosa.

A presença dos irmãos Müller vinha de encontro à necessidade do Dr. Blumenau, que precisava aumentar a quantidade de membros da sua colônia. O Dr. Blumenau teve a vantagem de Fritz Müller ser também médico⁹, podendo atender as pessoas da comunidade, mas essa tranquilidade não poderia durar muito tempo. O Dr. Blumenau, luterano e incentivador da religiosidade e Muller que não abria mão da sua liberdade de declarar-se ateu, divergiam em suas ideologias fazendo com que surgissem tensões na colônia. Foi um alívio para o Dr. Blumenau quando Müller instala-se primeiro em um terreno na região do hoje bairro da Velha, para o qual não havia picadas pela selva, sendo o rio o único acesso.

Nos dois primeiros meses morando na colônia de Blumenau, Dr. Müller pode ter contato visual com os indígenas, sobre os quais ele próprio declara: "Mais belo do que muitos brasileiros e ainda muito mais belos que os negros." (PINTO, 1979 p. 34).

⁹ Apesar da negação da faculdade em lhe conceder o certificado de médico.

Importante perceber a forma com que Fritz se refere ao indígena, ao negro e ao indivíduo “brasileiro”. Os dois anteriores, considerados selvagens, não humanos, segundo os conceitos de uma época em que o “ser humano” tinha de ser cristão e ter uma postura aos moldes europeus, e de preferência sendo do velho continente, ou seu descendente. O relato mostra a opinião de Muller desprendida desses traços de separação racial e cultural.

Mais tarde, em 1854, Fritz negocia o terreno e vai morar a alguns quilômetros descendo o rio Itajaí Açu¹⁰, cerca de uma hora do centro da colônia, de canoa. Com isso amenizando um pouco uma eventual influência das declarações de Müller em relação à religião, que pudesse exercer algum tipo de influência sobre outros membros da comunidade. Em carta datada de março de 1855, o próprio Dr. Blumenau relata a Hermann Trommsdorff¹¹, em Erfut, sua opinião em relação aos irmãos Fritz e August:

Seus sobrinhos trabalham com afinco e demonstram estar satisfeitos; eu bem gostaria se todo meu pessoal tivesse essa mesma força de vontade. Porém, com a orientação religiosa dos dois, eu com certeza não posso estar satisfeito, especialmente com a do doutor. A influência deles sobre o resto do pessoal é, de maneira alguma agradável. Porém depois que eles deixaram a colônia propriamente e foram residir um tanto abaixo, a situação melhorou um pouco. Não vi com bons olhos a saída deles, porque a energia e o exemplo inflamavam os demais, mas devido à influência ao direcionamento religioso, até que achei melhor assim. Quem pensa como seus sobrinhos e se sente bem assim, contra isso não há o que se dizer, pois, não se deve ser contra o pensar e contra a liberdade dos cidadãos; no entanto, quando se tira a fé de pessoas de fraca moralidade e que dela dependem como sua única bengala e ponto de apoio, isto é uma infelicidade, quase um crime... É uma pena que Fritz, com toda sua atividade, sua energia e fantástico conhecimento, se enterre assim no mato; eu mesmo já lhe disse, mas ele parece estar totalmente fechado para o mundo sentindo-se feliz como um ermitão. (BLUMENAU, 2000, p. 160)

3.4 DOUTOR MÜLLER VAI PARA DESTERRO

Em 1857, mais um alívio temporário para a mentalidade religiosa da colônia de Blumenau. Fritz Müller aceita o convite para dar aula de matemática no Liceu Provincial, localizado em Desterro, capital da província. A ida de Müller para a capital da província, registrada por Paulo Sawaya; “O Dr. Blumenau aproveitou a oportunidade que se ofereceu a Fritz Müller para recomendá-lo ao cargo de professor de História Natural” (SAWAYA, 2000, p. 60)

O colégio Liceu foi durante algum tempo dirigido por jesuítas e teve que ser fechado em 1852, pois a febre amarela assolava a província. A febre chegou a matar

¹⁰ Onde hoje é o Museu Fritz Müller.

¹¹ Tio dos irmãos Müller.

religiosos ligados ao Liceu (o que motivou o fechamento do mesmo). Voltando a ser aberto pela Assembléia Provincial, João José Coutinho era o presidente. Com a decisão reabrir o colégio em 1856, Fritz Müller é convidado a lecionar e passa a exercer sua função a partir do ano seguinte.

O convite do Dr. Müller foi indicado em grande medida pelo Dr. Blumenau, como uma saída oportuna para evitar sua influência religiosamente desagradável. A oportunidade não serviu só para os dois doutores darem uma trégua em seus conflitos ideológicos, mas Müller ainda achava vantajoso “poder explorar um mar quase tropical e transbordando de vida, em contraste com a pobreza do Báltico, era para mim uma perspectiva atraente.”(CASTRO, 1992, p. 59)

Foi no período de aproximadamente onze anos, que Fritz Müller, vivendo em Desterro, chamou a atenção de Charles Darwin. Os estudos feitos por Müller nas praias da capital da província, tornaram possível a elaboração do material que foi publicado com o nome de Für Darwin, na Alemanha ou na tradução Pró Darwin. Nesse livro Fritz, com base em suas observações faz apontamentos que o tornaram o primeiro a realizar experiências práticas que comprovavam a teoria evolucionista de Darwin e Wallace.

A vivência de Müller em Desterro não só tornou possível a realização de sua pesquisa, como também o tornando conhecido pelos cientistas a nível internacional e que conseqüentemente lhe dava um acesso maior aos conhecimentos científicos do período com mais facilidade do que a colônia de Blumenau poderia oferecer. Desterro era uma cidade portuária, com maior circulação de pessoas e com facilidades para encontrar novos conhecimentos, bem como material para leitura.

Os professores do Liceu e o próprio Fritz Müller acharam estranhas e talvez ineficientes, a forma de ensino proposto pelo mesmo. Sobre isso o próprio Müller deixa registrada sua opinião:

Para quem estava habituado ao sistema escolar alemão, essa escola era uma coisa esquisita. As classes porque cada aluno tinha que passar não existiam, como também não havia qualquer plano de ensino definido. Os pais podiam matricular os filhos na aula que mais lhe agradasse, como em nossas universidades alemãs. Um começava com latim, outro com francês, um terceiro com matemática. Um podia começar com uma matéria, outro com duas e um terceiro simultaneamente com todas as quatro disciplinas existentes no início da escola. Alguns assistiam uma matéria no terceiro ano, outra com duas no segundo ano e uma no primeiro ano, outra no segundo ano e uma terceira no primeiro ano. Assim era extremamente difícil organizar um horário que desse a cada aluno a possibilidade de seguir as disciplinas desejadas. (CASTRO, 1992, p. 61)

Nesse período, além das suas observações que tornaram possível a publicação de seu livro, o Dr. Müller ainda teve a oportunidade em 1860 de fazer uma interessante

observação em relação a um aluno seu que se destacava potencialmente dos demais. A curiosidade vinha do fato de ele ser negro, tal observação é relatada em carta ao irmão Hermann em 1860:

Entre os meus discípulos deste ano, o melhor, de muito, é um preto puro sangue africano; compreende facilmente e tem tal ânsia de aprender qual aqui nunca encontrei e é raro mesmo em vosso clima fresco. Este preto representa para mim mais um reforço da minha velha opinião contrária ao ponto de vista dominante que vê no negro um ramo por toda parte inferior e incapaz de desenvolvimento racional por suas próprias forças; quando em apoio disto se alega que no seu ambiente não atingiu nenhum grau elevado de civilização e por isso se deve ter como incapaz dela, esquece-se que há dois mil anos poderiam Gregos e Romanos ter dito o mesmo dos nossos antepassados.... Conheço, entre pretos, uma quantidade de fisionomias nobres e expressivas como dificilmente as encontraria entre caucasianos vivendo em condição social igualmente deprimida, e se essa situação em geral condiciona uma grande imperfeição moral observei, contudo, com freqüência, bastante vestígios indiscutíveis de um sentimento profundo e delicado. (PINTO, 1979, p. 18)

O aluno acima citado tornar-se conhecido na pesquisa, como Fritz Müller, declarando abertamente suas idéias, principalmente não se calando em relação à questão religiosa, criando um novo problema para o naturalista.

Em Desterro Fritz Müller tem sua imagem novamente associada a algum tipo de distúrbio. Mas, dessa vez de forma indireta. A imprensa local estava disparando contra os vindos de outros lugares, entre eles os alemães, que era o caso de Müller. A imprensa, buscava oposição ao governo do Partido Conservador, que estava no comando de Desterro nesse período. Fritz Müller, por ter uma boa relação com João José Coutinho (governador da província), tem seu nome envolvido.

No ano de 1864 novamente o Liceu passa a ser dirigido por jesuítas, que logo puderam conhecer melhor a postura do Dr. Müller “declarando avulsa a cátedra de Fritz Müller” (PINTO, 1979, p. 18). Algum tempo depois Müller ainda teve um confronto publico, por causa deu um incidente com padre Paiva:

Foi a propósito da morte do vice-cônsul da Grã-Bretanhã, George M. Heaton, que montara em sua chácara uma armadilha contra ladrões e foi morto por ela, levando uma carga de chumbo e sal na barriga, ao exibir a engenhoca a visita. Embora fosse protestante, chamaram para assisti-lo na agonia o vigário padre Paiva, que tentou convertê-lo ao catolicismo. Apareceu na imprensa um a-pedido de “um alemão”, que reclamava: “Já nem podemos morrer em paz, nós, protestantes?” (CASTRO, 1992, p. 72)

Fritz Müller ao ter contato com a situação, e provavelmente com orgulho de sua origem germânica, e com algum resquício de respeito à religião que fez parte de sua educação resolve tomar partido, criticando o padre jesuíta: “Consideram concubinato nossos casamentos e ilegítimos nossos filhos, e, no entanto se atrevem a perturbar os

últimos momentos de um infeliz moribundo, para persuadi-lo a mudar de religião.” (CASTRO, 1992, p. 73)

3.5 O RETORNO À COLÔNIA

Em 1867 resolve então deixar de ensinar no Liceu e retorna novamente à colônia de Blumenau.

Em virtude de seu livro (*Für Darwin*), publicado na Alemanha ter boa aceitação no meio científico da época, o anúncio de sua saída de Desterro fez com que seu irmão Hermann e seu amigo Ernst Haeckel, tentassem convencê-lo a voltar para o continente europeu tentativa que logo se mostrou infrutífera.

Em 1870 a Alemanha havia vencido a França, com o comando de Otto Von Bismarck, criando um império germânico que ficou conhecido como o segundo Reich, enchia de orgulho os alemães que haviam cruzado o Atlântico. Mas o próprio soberano do país não considerava como alemães aqueles que saía do país, chegando a dizer que “Não tenho a menor curiosidade em saber como vai essa gente que sacudiu o pó da pátria.” (CASTRO, 1992, p 74)

Fritz Müller sempre teve um sentimento de germanidade muito forte, migrando para o Brasil, e se naturalizando nunca deixou de sentir o orgulho alemão (*Deutchtum*), em 26 de julho de 1871, em uma carta que escreveu para seu irmão Hermann (na Alemanha), retira-se o seguinte trecho:

O sul do país – Rio Grande, Santa Catarina e Paraná – poderia se tornar um território preponderantemente alemão, se o governo da Alemanha, em vez de promover a imigração para aqui, não lhe opusesse obstáculos de toda espécie. Infelizmente não é assunto que se possa discutir na imprensa. Decerto não podemos dizer com franqueza que perspectiva teria uma numerosa migração alemã de tornar-se o poder dominante no sul do Brasil e suplantando um dia, de todo, o elemento latino decadente. Não tenho a menor dúvida que mais tarde, ou mais cedo, ainda que não em nossos dias, a raça germânica há de dominar o Brasil extra-tropical. Quisesse a Alemanha, poderiam ser os alemães; infelizmente é mais provável que sejam os ingleses ou os ianques. (CASTRO, 1992, p. 75)

A manifestação de Müller através dessa carta gera uma certa contradição com o que ele havia citado em outra correspondência também para Hermann Müller, na qual ele fala sobre os negros¹² e usa os germânicos como superiores. Situando-os no período do império romano e fazendo comparação da decadência do germânico em relação ao romano, para ilustrar a situação de atraso do negro em relação ao europeu.

¹² Já citado no capítulo anterior

É interessante após um raciocínio destes, Müller expressar uma situação em um período da história em que o próprio germânico tinha uma condição de atraso em relação à origem latina que ele associava à imagem de decadência. Essa opinião, talvez tenha suas raízes na educação recebida pelo Dr. Fritz Müller, que era de família luterana e com já citado, o ambiente entre católicos e protestantes era bastante tenso.

O senso de germanidade era tão impregnado no Dr. Müller que, mesmo com a crítica de Bismarck aos alemães que migraram da Europa no momento da crise, ele ainda assim era um admirador do governante alemão. Essa admiração é citada por Ernst Haeckel, em uma carta recebida de Müller em 1883, que dizia que: “Pouco importa que na Alemanha muita gente faça críticas mesquinhas ao grande homem. Nós, os alemães residentes no exterior, nunca nos esqueceremos de que graças a ele o prestígio da Alemanha aumentou extraordinariamente”. (CASTRO, 1992, p. 76)

Então após movimentada passagem por Desterro, Fritz Müller resolve largar suas atividades como professor em 1867, mais precisamente no mês de maio. Entrega uma carta à Assembléia Provincial, na qual pede que seus trabalhos sejam utilizados na pesquisa da flora.

Essa foi a forma encontrada pelo Dr. Müller para voltar à colônia, assumindo como tarefa “realizar estudos para experimentar o plantio e o cultivo de plantas exóticas e nativas com emprego na indústria.” (CASTRO, 1992, p. 73) Com a nova função Fritz Müller faz excursões pelo vale como observador.

Os resultados do livro de Fritz Müller fizeram com que, mesmo depois de sua saída da capital de província, ainda tivesse possibilidade de manter contato com o meio intelectual ligado ao darwinismo. Dentre estes se pode citar: Ernst Haeckel, Friedrich Hildebrand, Ernst Krause, Friedrich Ludwig e Hermann Müller (seu irmão), eram alguns de seus contatos nas correspondências científicas, além do próprio Charles Darwin, tendo o mesmo dado a denominação de Príncipe dos Observadores para Müller.

Darwin por diversas vezes incentivou Fritz Müller a escrever um livro, onde pudesse agrupar todos os seus artigos e textos escritos com base nas suas observações na região do Vale do Itajaí, bem como as feitas em Desterro. A sugestão de Charles Darwin pode ser vista em uma correspondência enviada a Müller em 22 de junho de 1867 em que ele diz:

O senhor alguma vez já pensou em publicar um obra a qual poderia conter uma miscelânea de observações de todos os troncos da história natural com uma breve descrição do país e de algumas excursões que o senhor realizou? Tenho certeza que o senhor pode fazer um valioso e interessante livro, pois qualquer de suas cartas são repletas de boas observações. Tais livros, como por exemplo, o “Travels on the Amazons”, de Bates, são muito populares na Inglaterra. (ZILLIG, 1997, p. 52)

Fritz Müller chegou a ponderar sobre o assunto gostando da sugestão. Mas, em 12 de junho de 1878 sua filha Rose¹³ falece na Alemanha, filha esta que Fritz tinha especial estima. Ela era uma grande desenhista e uma grande aluna sua no ramo das ciências naturais. Dr. Müller tinha em Rose o carinho e a predileção que seriam destinados ao filho homem, que perdera com apenas alguns instantes de vida. A perda da filha abalou profundamente Dr. Fritz Müller. Em 27 de setembro de 1882, já três anos após a morte de Rose ele descreve em carta sua tristeza para Ernst Krause:

Como tinha imaginado um entardecer da minha vida bonito junto com minha Rosa, que deveria substituir o filho que me falhou! Após o regresso e Rosa, eu pretendia oferecer aos amigos da Europa, uma série de imagens de nossa rica natureza,. Com uma dádiva que certamente seria bem recebida; eu próprio forneceria os fatos de quase trinta anos de experiência e assumiria a responsabilidade pela legitimidade da obra de Rose, com sua intuitiva compreensão da natureza deveria fundir às figuras o frescor da e sua mão artística adornaria com desenhos. Também isso se foi...(ZILLIG, 1997 p. 49)

Essa declaração, principalmente quando cita a tristeza em relação ao filho que não demonstra um pensamento machista, pois nesse período o pai sempre almejava ter um filho homem.

3.6 A VELHICE E MORTE EM BLUMENAU

No ano de 1884 teria sido demitido do Museu Nacional, mas como Dom Pedro era um grande admirador das ciências acabou mantendo-o no cargo.

Nos anos de 1883 a 1885, Fritz Müller ainda teve uma renovação de ânimo, que seria proporcionada com a vinda de seu meio irmão (por parte do segundo casamento de seu pai), Christian Gustav Wilhelm Müller, que ficara hospedado na casa de Fritz. Com o irmão Dr. Müller fez algumas excursões de observação pelo vale e em regiões do litoral.

Estas novas excursões, na companhia do irmão devem ter dado uma sensação de alívio para o já senhor, Fritz Müller bastante fragilizado ao tomar conhecimento da morte de Darwin Sobre a falta do contato com o mesmo escreveu Dr. Müller em 22 de agosto de 1882 para o professor R. Meldole, em Londres:

Certamente, a falta de Darwin para ninguém será tão insubstituível quanto para mim. Eu, que vivo aqui, tão solitário e que por tantos anos me habilitara a participar-lhe todas as minhas pequenas experiências relativas à história natural, e que me habilitara à certeza de sua participação e de toda a sua compreensão. (ZILLIG, 1997 p. 241)

¹³ Rose se jogou do seu quarto no terceiro andar. Ela estava morando em Berlim com sua tia Rosine.

A morte de Darwin representou para Fritz Müller uma sentença de isolamento ainda maior, deixando sua vida com um gosto mais amargo até sua morte em 1897.

Além da perda de um contato intelectual com Darwin, Fritz ainda amarga a demissão do Museu Nacional ocorrida em 1891. Tal medida no período de Proclamação de República, abolição da escravidão e uma série de outros eventos que mudaram o cenário nacional, devem ter feito com que a imagem de Fritz pudesse ser associada a problemas.

O Dr. Johann Friedrich Theodor Müller, pouco tempo depois de chegar ao Brasil, assume cidadania brasileira, mas nunca deixou de se demonstrar vinculado a sua terra natal, como pudemos perceber acima.

Durante o governo do imperador Dom Pedro II isso não representaria necessariamente um problema, pois o mesmo era admirador da cultura européia e um entusiasta das ciências. Mas com o advento da república, não era interessante ter um cientista que fosse admirador do monarca deposto, bem como se identificasse com ideais europeus.

Fritz Müller continuou escrevendo seus artigos, mesmo sem a mesma inspiração. Em 1897, já viúvo, morando praticamente sozinho na sua casa às margens do rio Itajaí-Açú, ele é convencido a morar com sua filha mais velha, Agnes Brockes (sobrenome pós-casamento) ,mas antes de mudar-se para a casa da filha, “queimou todos seus livros e manuscritos no jardim de sua casa.”(Hering, Gertrud G. – “Blumenau em cadernos” – abril de 1961)

4 FRITZ MÜLLER, RELIGIÃO X CIÊNCIA

4.1 FRITZ MÜLLER E A SUA OPÇÃO RACIONAL

Mesmo antes de sair do continente europeu, Johann Friedrich Theodor Müller (Fritz Müller), após ter contato com diversos tipos de literatura, os quais contestavam os valores da sociedade vigente, começa a se posicionar em relação à questão religiosa. Isso se manifesta em algumas cartas, falando sobre o tema, destina à familiares e amigos, antes de embarcar para a América do Sul.

Fez, inclusive, críticas à forma com que o estado prussiano lidava com as questões relacionadas à religião e à liberdade. Tais críticas também aparecem em uma carta, escrita a um amigo em 1845:

Verdade e virtude são impensáveis sem liberdade. Apesar de asseverar-se que há liberdade de consciência, reina entre nosso governo prussiano uma intolerante atitude catequista e, freqüentemente, nos últimos tempos, o poder temporal tem se envolvido nas lutas religiosas, que eram para serem degladiadas somente com as armas do espírito. Logo, ninguém mais poderá expressar suas opiniões livre e impunemente, sem antes se munir de inteligente hipocrisia, cerrando fileiras com as preferências superiores. Caso contrário terá que contar com represálias por parte do estado. (MÜLLER apud ZILLIG, 2000, p. 130)

Essa correspondência demonstra um estado que utiliza a religião como forma de opressão em relação à sociedade, sendo muito arriscado expressar suas convicções sem uma reprovação social, e no caso de Müller, até familiar, graças à religiosidade de membros de sua família. O posicionamento de Fritz Müller em relação ao estado prussiano também foi retratado por Ernst Haeckel e citado em artigo escrito, da colônia de Blumenau, pelo Dr. Hugo Gensch¹⁴, demonstrando uma indisposição do então governo em aceitar mentalidades diferentes e que queriam propor mudanças:

Recentemente se referiram a todos os homens patrióticos que pretendiam uma reforma radical em nossas condições políticas e sociais como “críticos mesquinhos” convidando-os a deixar o país. Nós somos de opinião contrária e desejamos de todo o coração que estes homens honestos e leais como Fritz Müller, Permaneçam firmes sob as atuais condições bizantinas prestando serviços à pátria. (HAECKEL apud GENSCHE, 1900, p. 1)

O processo de ruptura com a religião parece ter acontecido de forma traumática, gerando também um distanciamento da segurança idealizada na noção de proteção e

¹⁴ Dr. Hugo Gensch era médico, e foi o médico responsável pelos cuidados de Fritz Müller antes de seu falecimento em Blumenau.

compreensão que é associada à idéia de família.

O distanciamento que Fritz Müller mais sentiu, nessa sua vida em terras brasileiras, parecer ter sido de Rosine, sua irmã, que ele carinhosamente chamava de Röschen, e com a qual tinha maior intimidade. O rompimento com alguns membros de sua família representava um sacrifício para Fritz, como descreve Cezar Zillig;

Ao mencionar sacrifícios, deixa entender a angustia que então ia-le na alma, principalmente com relação a família, pela qual tinha grande amor, e porque sabia da preocupação que todos tinha para com a fé religiosa, centro de suas vidas. Além do problema que representavam o pai e a mãe, tinha Rosine, irmã cinco anos mais nova (...) com que tinha grande afinidade e era sua preciosa confidente (ZILLIG, 2000, p. 130)

Era comum o homem nessa época, provavelmente em virtude do sistema familiar, demonstrar doçura e sinceridade com as irmãs e mãe, algo que parece contraditório em um período em que se podia perceber uma postura machista bastante forte. Tais cartas eram relativamente comuns, como as cartas endereçadas à mãe (outro exemplo, eram as cartas de Dr. Blumenau)¹⁵.

É provável que um rompimento com a crença, como foi o caso de Müller, gere certo grau de inconformismo. Por fazer, durante um tempo, parte de uma crença que, à medida com que foi aumentando seu conhecimento em novas áreas, acaba enfraquecendo, deu a impressão de que, durante o tempo que esteve fiel à sua fé, tivera sido enganado. Esse sentimento de revolta contra a igreja tende a crescer ainda mais quando a nova visão de mundo, que passa a ter nos conhecimentos científicos com base para a explicação os fatos da vida. E quando expressa à outras pessoas, as quais ainda tenham suas mentes subordinadas a religião, acaba afastando-as.

Vale relembrar das dificuldades enfrentadas pela população na época. A religião não só servia como amparo para o sofrimento das pessoas, mas pregava que tal sofrimento seria uma promessa de futuro, que ultrapassa a existência terrena, levando a uma vida nova, após a morte, uma existência recompensadora no paraíso. O mal-estar gerado em Fritz Müller ao deixar de crer nessa moral pode ser percebido em correspondências enviadas à irmã Rosine, onde mostra sua preocupação com as consequências por ser sincero.

Sinto muito que minha carta, mesmo tão curta, tenha te assustado tanto. No entanto, nada há o que se fazer. Minha decisão deu-se após muita reflexão; é uma reflexão madura, crê-me, não foi uma decisão leviana. As coisas se tornaram suficientemente pesadas para mim... No entanto, precisa ser! Escravo não quero e não posso ser! (Müller, 2000, p. 132)

¹⁵ Dr. Blumenau também costumava ser mais doce, e sincero em suas cartas escritas a representante feminina de sua família, nesse caso, a sua mãe.

Tais reflexões também devem estar na base de seu posicionamento em relação ao juramento para a obtenção do diploma de médico. Ele chegou a tentar negociar tal situação, enviando um pedido à faculdade para desobrigá-lo de fazer o juramento. A parte que deixou o Dr. Fritz Müller desconfortável em fazer o juramento era a parte que dizia: “sicut adjuvet et sacrosanctum ejus evangelium!...”¹⁶ (MÜLLER apud PINTO, 1979, p. 14) O pedido de Fritz acaba sendo negado. Assim ele não pôde receber seu diploma após o término de seu curso.

A não obtenção do certificado da faculdade de medicina, principalmente pela negativa em fazer o juramento religioso, deve ter aumentado ainda mais a tensão na família de Fritz Müller. Pois deixava de ser uma postura apenas acadêmica, e confidenciada com a família, através de correspondências. Passava a ser um posicionamento público, além do conflito ideológico, acaba também sendo uma situação vexatória para a luterana família Müller diante da comunidade onde vivia na época.

4.2 FILOSOFIA, RACIONALIDADE E DOGMA.

O século XIX teve suas discussões feitas com uma quantidade crescente de argumentos, principalmente para a representação científica, em relação aos argumentos da fé cristã.

A ciência com suas descobertas, que podiam explicadas com o emprego de conceitos lógicos, como foi a teoria de Darwin, aliada ao reforço da racionalidade dos clássicos da filosofia, proporcionaram, a ciência, a solidez necessária para discutir questões como a da criação dos seres, defendida pela igreja.

Esses pensadores analisaram vários aspectos da vivência humana, inclusive a religião. Um exemplo disso é Immanuel Kant, com seu livro “A religião no limite simples da razão”, onde faz uma análise dos valores sociais, relacionados com a religião, inclusive a noção de moral. Em 1793, no prefácio da primeira edição deste livro, ele faz a seguinte observação, “*a moral não tem necessidade alguma da religião, mas, basta a sim mesma graças à razão pura prática.*” (KANT, (s.d.), pg. 11) A declaração de Kant, se for confrontada com a da carta de Dr. Blumenau, quando escreve para o tio dos irmãos Müller e diz: “Não se deve ser contra o pensar e contra a liberdade dos cidadãos; no entanto, quando se tira a fé de pessoas de fraca moralidade e que dela dependem como sua única bengala e ponto de apoio.”(Blumenau,1855) Dessa maneira pode-se perceber

que apesar do Dr. Blumenau, ser um intelectual, ele defendia um conservadorismo, no que diz respeito a questão da fé da colônia que administrava.

Com as duas declarações, a de Kant, e a do Dr. Blumenau, pode-se perceber o valor social que a religião tinha até o século XIX.

Um dos pilares mais importantes de sustentação da igreja era e é o medo, o qual estimula o ser humano a procurar a orientação de um sacerdote, que lhes fornece conselhos com base na teologia para tentar responder as questões, são angústias cotidianas. O medo foi comentado por Bertrand Russell, no artigo Medo, a base da religião, como segue:

A religião se baseia, acredito, em primeiro lugar e principalmente, no medo. Trata-se, em parte, do terror ao desconhecido e, em parte,(...), do desejo de sentir a existência de um tipo de irmão mais velho a proteger-nos em todos os problemas e disputas. O medo é à base de todo o problema: medo do misterioso, medo da derrota, medo da morte. O medo é o progenitor da crueldade, e portanto ao é nada surpreendente o fato de a crueldade e a religião andarem lado a lado. Isso acontece porque o medo é à base de ambas as coisas. Neste mundo, agora podemos começar a compreender um pouco as coisas e a controlá-las com ajuda da ciência, que abriu seu caminho à força, passo a passo, contra a religião cristã, contra as igrejas e contra a oposição de todos os preceitos antigos. A ciência pode nos ajudar a superar esse medo covarde no qual a humanidade vive há tantas gerações. A ciência pode nos ensinar, e acredito que também nosso próprio coração pode fazê-lo, a não mais olhar em volta em busca de apoios imaginários, a não mais inventar aliados no céu, mas, em vez disso, a olhar para os nossos próprios esforços aqui embaixo, a fim de fazer deste mundo um lugar adequado para se viver, em vez do tipo de lugar em que as igrejas ao longo desses séculos todos o transformaram. (RUSSELL, 2008, p. 40)

O medo não ficava limitado ao campo da crença, mas, interferia diretamente na ordem social. A teologia passava valores que tinham relação direta com os valores de obediência par com a ordem social.

Ora, quando a igreja, como usualmente ocorre, se faz passar ela própria como única igreja do universo (embora esteja estabelecido sobre uma fé revelada particular que, enquanto histórica, não pode ser exigida de nenhuma forma de todos), aquele que não reconhece essa fé de igreja (particular) é chamado por ela de descrente e ela o odeia de todo seu coração.

Quando aquele que só se afasta parcialmente ela o denomina heterodoxo e o evita pelo menos como contagioso. Finalmente, se está ligado verdadeiramente à mesma igreja, afastando-se contudo das crenças dessa no essencial, é designado, notadamente quando difunde sua heterodoxia, um herege¹⁷ e é considerado, como rebelde, como passível de punição muito mais do que um inimigo de fora; é expulso como anátema¹⁸ e é entregue a todos os deuses infernais. (KANT, (s.d.), p. 103)

¹⁶ Assim me ilumine Deus e seu sacrossanto evangelho.

¹⁷ Os mongóis chamavam o Tibet (de acordo com George, Alfab, p. 11) Tangoud-Chadzar, isto é, o país dos habitantes das casas, para distingui-los deles próprios, nômades, que vivem nos desertos sobre tendas. Disso deriva o termo Chadzar, do qual se origina o de herege (Ketzer, em alemão). (Kant, pg. 104 – nota original do texto)

¹⁸ Anátema – como os romanos pronunciavam contra aquele que passava o Rubicão sem o consentimento do senado (Kant, pg. 104)

4.3 DARWIN E O ROMPIMENTO COM A EXPLICAÇÃO DIVINA.

Pode-se perceber que a filosofia, assume posturas racionais, não mais metafísicas ou teologias comuns antes do século XIX. E períodos anteriores à publicação do livro de Darwin, sobre a origem das espécies, seria motivo para levá-lo à fogueira pela igreja e para ignomínia por parte dos filósofos, pois estes se assumam cristãos. No século XIX Karl Marx, por exemplo, declara-se ateu, sem, com isso sofrer execração por parte dos outros intelectuais.

A corrente materialista de pensamento de então passa a deixar em segundo plano a discussão sobre religião, preocupando-se em obter respostas científicas comprováveis, como foi o caso da evolução das espécies, dando maior importância à ciência, deixando que conclusões científicas respondessem às questões fundamentais os eventos naturais, explicados anteriormente pelos representantes da igreja.

Sobre esse aspecto, Fritz Müller expressa sua opinião sobre a importância que a ciência assumiria:

Bom senso e ciência será a solução para todas as dúvidas religiosas. Não procure nas sonhadoras e ocas frases religiosas o significado dessas palavras, mas sim, olhe para a natureza, observe-a, pois nela encontrará o elemento de enriquecimento do último e o continuo uso do primeiro. Inacreditáveis modificações apresentam a natureza, seus efeitos sempre retornam, mesmo que suas diversas formas automatizadas se modifiquem. Nesta observação, no entanto, não é possível domar o bom senso pelas leis de uma religião, que imediatamente declara qualquer análise e discussão repleta de duvidas e a reduz ao impossível. A falta de conhecimento destas leis, no entanto, serão enterradas na enraizada e difundida superstição, que sempre exige mais espaço. Educação e conhecimento espiritual são seus adversários naturais. Mas onde povos promovem esta crença e a encaram como mais alto objetivo, tudo desaparecerá. Futuramente os povos serão classificados simplesmente por sua superioridade, educação e conhecimento. (MÜLLER apud ZILLIG, 2000 – p. 166)

Após a morte de Fritz Müller, muito foi escrito sobre suas crenças. De que ele tinha uma relação mística com relação à natureza, conforme afirmou José Ferreira da Silva (SILVA, 1971). Mas o Fritz Müller, declarava-se ateu. Talvez a conclusão de que tivesse relação mística para com a natureza, venha do fato de ele estudar as reações naturais. O trecho acima, parte de um artigo sobre razão e fé, em alguns momentos, pode sugerir certo senso místico na relação com a natureza. Mas, durante o texto, bem como no próprio título, ele faz questão de dar ênfase à razão, deixando claras suas convicções, livres de misticismos.

4.4 AGNOSTICISMO, UMA PROSTURA INTERMEDIÁRIA.

No período pós-Darwin, um membro do seu grupo de relações intelectuais, Thomas Huxley, assume novo posicionamento com relação ao conceito de religião vigente. Ele fez uso da expressão agnosticismo, para definir um indivíduo que não se declara necessariamente ateu, mas também não se declara crente nas formas vigentes de crença religiosa.

Em relação a esse novo posicionamento religioso pode-se citar o trabalho de Márcia Peters Sabino, *“A questão da religiosidade de Augusto dos Anjos”*, poeta deixa transparecer em suas poesias, a mudança do posicionamento religioso de sua época, como podemos ver a seguir:

A descrença em Deus tornou-se relativamente fácil em meados do século XIX, pelo menos no mundo ocidental (...). Deus estava não apenas despedido, mas sob ferrenho ataque. Em 1869, Thomas Huxley cunhou o termo agnosticismo, conceito que também foi adotado por Darwin para caracterizar seu posicionamento com relação à religião. O vocábulo agnosticismo exprime o contrário de gnosticismo, e constitui o reconhecimento da impossibilidade de conhecer, no sentido científico, coisas relativas a Deus; diferentemente do ateísmo, que nega a existência de Deus, o agnosticismo apenas suspende o julgamento acerca da existência ou inexistência divina, devido à impossibilidade de se chegar a uma verdade por vias racionais e empíricas. (...) Grande parte do positivismo evolucionista adotou o ceticismo da razão para fundamentar seu agnosticismo, abandonando o dogma da fé religiosa. Ainda mais radicais, Vogt, Moleschott e Buchner, na Alemanha do evolucionismo materialista, travaram polêmicas anti-religiosas e ateístas. (SABINO, 2005, p. 3)

Perceber-se a mudança que ocorreu no que diz respeito ao conceito de Deus na fé cristã. Se antes até os filósofos mais críticos, em grande parte, se alinhavam ao cristianismo, com a tese de Darwin sobre o sistema evolutivo das espécies, o ser humano tinha uma teoria alternativa, e racional para encarar sua existência. Sobre a teoria de Darwin, Márcia Peters Sabino, no mesmo trabalho sobre Augusto dos Anjos, mostra sua importância ao pensamento antropológico do século XIX:

Contribuiu, ainda, para o declínio da religiosidade a verdadeira revolução com relação ao lugar do homem na natureza provocada pela teoria da evolução de Darwin. Essa estabeleceu que as espécies não são fixas e imutáveis, mas se originam pela lei da seleção natural – incluindo o homem, que deixou de ser visto como produto de uma criação divina, como um ser que reflete a imagem do deus criador e, portanto, como o único ser inteligente, ocupante do centro privilegiado do mundo, o último e supremo fim da criação, para ser considerado parte da natureza, assemelhando-se aos animais e deles descendendo. A visão do homem como um bicho,¹⁹ Condicionado por seus instintos, por seus genes e pelo ambiente, comparece também ao naturalismo literário do século XIX que, aliás, é

¹⁹ A palavra gnose (do grego gnosis, "conhecimento") emprega-se, ao se tratar do movimento filosófico e religioso a que deu nome, para designar o conhecimento adquirido não por aprendizagem ou observação empírica, mas por revelação divina. – Nota do texto

a expressão do positivismo nas letras (...) O evolucionismo biológico “deu o golpe de misericórdia na idéia antropocêntrica da existência e da História como produtos da liberdade humana” e provocou o desmoronamento da visão mística do homem fundada sobre a crença em um sistema de explicação universal – a religião –, constituindo-se como um último ato crítico em relação às estruturas de fé medievais. (SABINO, 2005, p. 3)

Esse novo posicionamento, no que diz respeito à crença espiritual, cria um abismo ainda maior entre as instituições religiosas e as representações científicas.

4.5 POSICIONAMENTO DA FILOSOFIA.

Com o distanciamento entre religião e ciência, no que toca a racionalidade, em especial a filosofia, no começo do século XX Bertrand Russell põe a razão como equilíbrio nem tão perto da igreja, nem tão perto da ciência, deixando assim a filosofia em condições de fazer suas reflexões sobre os dois lados:

A filosofia, conforme entendo a palavra, é algo intermediário, entre a teologia e a ciência. Como a teologia, consiste de especulações sobre assuntos a que o conhecimento exato não conseguiu até agora chegar, mas, como ciência, apela mais a razão humana do que à autoridade, seja esta a da tradição ou a da revelação. Todo conhecimento definitivo – eu o afirmaria – pertence a ciência; e todo dogma quanto ao que ultrapassa o conhecimento definido, pertence à teologia. Mas entre a teologia e a ciência existe uma Terra de Ninguém, exposta aos ataques de ambos os campos, essa Terra de Ninguém é a filosofia. (RUSSELL, (s.d.), p. 1)

Essa posição intermediária da filosofia, permite que ela opinar, debater os conhecimentos científicos, e as posturas estimuladas pelos pensamentos religiosos.

4.6 FRITZ MÜLLER, UMA MENTE TOMANDO POSIÇÃO.

O movimento do no século XIX teve seus reflexos no provinciano vale do Itajaí. O movimento de contestação religiosa cristã ocorreu praticamente todo ele no velho mundo. Fritz Müller foi um dos poucos no novo mundo a posicionar-se sobre a interferência religiosa nos debates e pesquisas da razão e da ciência. Tendo se tornado conhecido no meio científico por suas pesquisas, que apesar de não afirmar verbalmente suas discordâncias em relação à ideologia religiosa, deixava transparecer, através de suas observações científicas, a comprovação das teorias de Darwin e, conseqüentemente, sua crença no evolucionismo, não na fé na igreja.

Essa postura, de Müller, somada a suas declarações sobre a religião, acabaram, em grande medida, sendo mais ousadas e definitivas do que a de alguns de seus colegas evolucionistas.

Thomas Huxley e Charles Darwin que, envolvidos no ambiente europeu da época, resolvem não declarar-se ateus, mas tomar postura mais neutra entre os dois extremos, postura que ficou conhecida como agnosticismo.

4.7 FRITZ MÜLLER, RAZÃO E FÉ²⁰

Fritz Müller acreditava que a religião, iria acabar perdendo influência. As pessoas passariam a ter suas posturas reguladas pelo bom senso, tomando o lugar central da postura humana.

O tempo e o bom senso ainda estará sob jugo da religião, que impede o desenvolvimento das forças espirituais e eleva aos píncaros da ignorância. Mas um dia, o medo e os temores pelo futuro desaparecerão e o bom senso ensinar-nos-á as novas leis. Rebaixaremos a um grau incerto de calor o fogo do inferno. Nossa própria maldição ressurgirá dos átomos da natureza. Libertar-nos-emos os espíritos de todo caos religioso, no qual se acham perdidos. O juízo se tornará realidade, nos libertaremos dos poéticos e nefastos dogmas religiosos e alcançaremos o alto-reconhecimento. Alcançaremos a liberdade de pensamentos, livrar-nos-emos da opressão ridícula e chegaremos ao reconhecimento do que realmente é grande: a natureza. O bom senso haverá de assumir o lugar da religião. Os povos exigirão de seus regentes liberdade de espírito e a independência de crer no que é a lei. Deixarão de ser simples marionetes nas mãos dos que pretendem rebaixá-los ao degrau da ignorância e incultura. Será criado para todos uma só religião, uma só lei, e esta servirá como base sólida e promissora à uma verdadeira e real cultura. (MÜLLER apud ZILLIG, 2000, p. 167)

Dessa forma Müller expressa sua expectativa e crença no enfraquecimento da igreja, e no advento de normas sociais, que regulem as atividades humanas, acreditando na elaboração de regras de convivência social, elaborada pelos representantes do povo.

²⁰ Texto sobre religião escrito pelo Dr. Fritz Müller, traduzido em 1985, por Edith Sophie Eimer, e publicado pelo Dr. Cezar Zillig, no seu artigo, Fritz Müller e a fé, em 2000 no livro *Fritz Müller, Reflexões biográficas*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho constatou através de uma análise de documentos com intenção lançar um olhar sobre o Dr. Johann Friedrich Theodor Müller (Fritz Müller), como um exemplo da realidade encontrada pelos representantes da ciência no século XIX, tanto no continente europeu, como no Brasil.

Apesar de Fritz Müller ser objeto de estudos de grande quantidade de artigos, graças aos seus estudos científicos no século XIX, ele ainda é visto como uma figura secundária na história. Esta figura é estudada por, biólogos, médicos e tem poucos textos que tenham sido escritos por suas mãos e passado por leitura, análise e publicação de historiadores e outros representantes das ciências humanas.

As fontes demonstraram que, o Dr. Müller, como representante da ciência e expressando suas convicções livre de dogma teve dificuldades nas relações sociais.

As pesquisas demonstraram que além de ter uma ortodoxia em relação à suas convicções em relacionada no que diz respeito à religião, ele também era admirador de Dom Pedro II. Essa admiração pelo monarca, bem como suas declarações, em relação à identidade germânica, fizeram com que ele não fosse uma figura desejável (ideologicamente) após a proclamação da república.

Talvez esse seja um dos motivos pelos quais à imagem de Dr. Fritz Müller, não seja tão conhecida quanto à de seus colegas do grupo evolucionista. Sua imagem apesar de ser associada à idéia de pesquisa e intelectualidade, passa a ter uma nova projeção através da escrita do historiador José Ferreira da Silva.

Este historiador relata em especial à história local (na região de Blumenau) em um período de formação da imagem de nacionalidade no Brasil, sendo o importante criar a imagem de aventureiros, sonhadores e heróis como Dr. Blumenau na condição de aventureiro, sonhador e empreendedor e a idéia de produção científica, de considerável competência, como foi o caso de Fritz Müller.

Nesse retrato, que tem a intenção de formar uma imagem de desenvolvimento, trabalho e união, certos conflitos, acabam suavizados. Uma dessas tensões foi o problema relacionado com a mentalidade religiosa, retratada nesse trabalho. A idéia de desenvolvimento foi tentar formar uma imagem de paz social que não só apenas dava pouca importância à questão científica (com críticas a razão da igreja), mas evitava transparecer tensões, eventuais conflitos que pudessem haver entre os próprios membros da cristandade, nesse sentido podemos relacionar a convivência entre católicos e luteranos na região de Blumenau.

A pesquisa teve como foco a ciência, tentando estabelecer uma conexão da realidade (social e intelectual) vivida pelo Dr. Müller com a realidade encontrada pelos seus colegas evolucionistas, bem como procurar amparo nas visões dos pensadores que tiveram influência nesse período histórico.

As fontes consultadas, tanto as citações diretas de Fritz Muller como a bibliografia relacionadas ao período demonstraram o distanciamento entre a igreja e a ciência, provocado pelas descobertas feitas por grupos como o de Charles Darwin, do qual fazia parte Fritz Müller.

Constatou-se com o presente trabalho dividido em três momentos, sendo o primeiro esclarecendo a realidade do século XIX, principalmente no continente europeu. No segundo momento é enfatizada a vida de Fritz Muller e a forma como ele foi educado pela sua família e também sua mudança de ideologia, ocorridas após entrar na faculdade que o levou a migrar para o Brasil.

O terceiro faz-se uma imersão na mentalidade do século XIX, a influência dos pensadores anteriores e a mudança causada pela publicação do livro de Charles Darwin sobre a evolução das espécies, como reflexos das décadas seguintes, causando uma ruptura entre religião e ciência.

REFERÊNCIAS

BERRI, Aléssio. A Igreja na Colonização Italiana. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

CASTRO, Moacir Werneck. O Sábio e a Floresta. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

DARWIN, Charles. A Origem das Espécies. São Paulo: Escala.

FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Méri. Visões do Vale. Blumenau: Nova Letra, 2000.

FONTES, Luiz Alberto e HAGEN, Stefano. Fritz Müller e sua obra na ciência brasileira e mundial. Blumenau: Cultura em movimento, 2008.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

HERING, Gertrud G. – “Blumenau em cadernos” – abril de 1961

KANT, Immanuel. A Religião nos Limites da Simples Razão. São Paulo: Escala.

KANT, Immanuel. Resposta à Pergunta: O que é esclarecimento? Domínio Público. 1783.

MÜLLER, Fritz: reflexões biográficas /E. Roquette Pinto - Blumenau: Cultura em Movimento, 2000.

PINTO, Eduardo Roquette. Glória sem rumor. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1979.

RUSSELL, Bertrand. Porque não sou Cristão. Porto Alegre: L&PM, 2008.

RUSSELL, Bertrand. A Filosofia entre a Religião e a Ciência. Domínio Público.

SILVA, José Ferreira da. Entre a Enxada e o Microscópio. Blumenau, 1971.

TSCHUDI, Johann Jakob von. As colônias de Santa Catarina. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

VOLTAIRE. Tratado sobre a Tolerância. São Paulo: Escala.

ZILLIG, Cezar. Fritz Müller, Meu irmão. Blumenau: Cultura em movimento, 2007.

ZILLIG, Cezar. Dear Mr. Darwin. São Paulo: 43 S/A, 1997.

ANEXOS

Artigo, intitulado RAZÃO E FÉ, de autoria de Fritz Müller, catalogado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, em Blumenau, sob o código 3.M.18.1.4 doc-3, com tradução feita em 1985, por Edith Sophie Eimer, publicado no artigo *Fritz Müller e a Fé (s.d.)*²¹, no livro *Fritz Müller: Reflexões biográficas*, em 2000, por Cezar Zillig

²¹ O artigo não possui data, somente a data de Tradução por Edith Sophie Eimer.

RAZÃO E FÉ'

Mais cedo ou mais tarde, para todos se aproximará um dia a pergunta sobre a fé que, como um pomo de discórdia, foi atirado em primeiro lugar entre os povos. O dia chega e, como que despertando de um sono cataléptico, convida à luta contra os que se empenham em nos oprimir.

Aos poucos dissipam-se as densas nuvens e o suave sol da primavera surge; o inebriante sono do inverno desaparece. A fé e a crença no cristianismo esforçam-se inutilmente em esclarecer os representantes do mesmo em seu vaidoso e fútil esforço. Clamam em voz alta, negras nuvens surgem, escurece o sol e a lua e tudo e todos morrem em vão. O espírito adormecido da humanidade se move incessantemente, esquece os ensinamentos e as poucas leis existentes. Sempre tendo à frente os filósofos e os psicólogos estes apressam os passos e sempre se perdem mais e mais, minuto a minuto, nas descobertas de novos campos em suas áreas de conhecimentos. Os caminhos que percorrem tras-lhes-ão inglórias a cada passo. Fantasias serão criadas e tristes visões do futuro apresentar-se-ão. Com uma vaga idéia, de que todos estes quadros de suas fantasias se reduzissem a um nada, a um vazio, a um deserto, pela religião, pelas palavras de fé e todos os apoios que a ciência como força devorante requer. Foi provado que muitos deles, quando criança, se envolviam em coloridos trajes e como jovens entusiasmavam-se. Mas o bom senso se impõe

e pede caminho, espanta toda esta louca fantasia, só deixando aquilo que é deveras necessário ao saber. Restam, como complemento dos obscurescentes partidos religiosos: os crentes em comunhão com a razão e a ciência; louvado seja todo aquele que encara assim a religião, pois por intermédio dela ativa sua alma e, sem o saber, percorre ao longo da vida distâncias enormes. Analisar e refletir sobre o valor destes crentes é um lenitivo, uma luz que quebra a densa névoa, com a qual o senso dogmático se envolve, para encobrir sua secreta vegetação.

É um consolo que chegamos a compreender os direitos romanos e, convidados a uma crítica do ponto de vista histórico ou contra a ciência cristã, empenhamo-nos numa luta feroz. Lúgubres quadros negros ilustram as páginas do livro beneficente, profundamente gravado pelas mãos profanas de vis serventes, que, ao escreverem, o fizeram com a pena da ganância, para todo o sempre. Bom senso e ciência será a solução para todas as dúvidas religiosas. Não procure nas sonhadoras e ocas frases religiosas o significado destas palavras, mas sim, olhe para a natureza, observe-a, pois nela encontrará o elemento para o enriquecimento do último e o contínuo uso do primeiro. Inacreditáveis modificações apresenta a natureza, seus efeitos sempre retornam, mesmo que suas diversas formas automatizadas se modifiquem. Nesta observação, no entanto, não é possível domar o bom senso pelas leis de uma religião, que imediatamente declara qualquer análise e discussão repleta de dúvidas e a reduz ao impossível. Religiões há muitas, mas senso, razão, só existe um e somente este faz com que reconheçamos as leis da natureza. A falta de conhecimento destas leis, no entanto, serão

enterradas na enraizada e difundida superstição, que sempre exige mais espaço. Educação e conhecimento espiritual são seus adversários naturais. Mas onde povos promovem esta crença e a encaram como mais alto objetivo, tudo desaparecerá. Futuramente, os povos serão classificados simplesmente por sua superioridade, educação e conhecimentos.

Até então, o tempo e o bom senso ainda estará sob jugo da religião, que impede o desenvolvimento das forças espirituais e eleva aos píncaros a ignorância. Mas um dia, o medo e os temores pelo futuro desaparecerão e o bom senso ensinar-nos-á as novas leis. Rebaixaremos a um grau incerto de calor o fogo do inferno. Nossa própria maldição ressurgirá dos átomos da natureza. Libertar-nos-emos os espíritos de todo caos religioso, no qual se acham perdidos. O juízo se tornará realidade, nos libertaremos dos poéticos e nefastos dogmas religiosos e alcançaremos então o auto-reconhecimento. Alcançaremos a liberdade de pensamentos, livrar-nos-emos da opressão ridícula e chegaremos ao reconhecimento do que realmente é grande: a natureza.

O bom senso haverá de assumir o lugar da religião. Os povos exigirão de seus regentes liberdade de espírito e a independência de crer no que é a lei. Deixarão de ser simples marionetes nas mãos dos que pretendem rebaixá-los ao degrau da ignorância e incultura. Será criado para todos uma só religião, uma só lei, e esta servirá como base sólida e promissora à uma verdadeira e real cultura.

Dr.Fritz Müller

Documento catalogado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva²², em Blumenau, falando sobre o Dr. Fritz Muller, sob o código 3.M.18.1.6 doc-18, De autoria do médico Dr. Hugo Gensch, com o título de “A memória do Dr. Fritz Müller”, a tradução extraída do cinqüentenário de Blumenau em 1900.

²² O próprio texto consultado no Arquivo Histórico tinha alguns trechos faltando.

3.M.18.1.6
doc-18

A MEMÓRIA DO DR. FRITZ MÜLLER.

Autor: Dr. Hugo Genssch

Tradução extraída do Cinquentenário de Blamenes - 1900.

Lembrar pessoas distintas que em grande ou pequeno estilo prestaram serviços à comunidade ou à humanidade é sempre uma obrigação. Em honra a estes e que os seus feitos sejam exemplos que devam ser seguidos.

Nos países autocráticamente dirigidos, o ponto culminante preconiza oferecer títulos, ou graus académicos e nos mais ricos e fantásticos monumentos. Hoje quem visita como novato a nossa velha pátria europeia pode admirar verdadeiras dinastias guerreiras e estadistas, como aqueles que o queriam ser esculpidos em pedra ou bronze, oferecendo seu semblante a admiração de milhares de olhos curiosos pelos séculos.

Países republicanos não costumam ser tão agradecidos. Estes se diz que agem propositalmente desta forma e que muitos o estranham e o exílio são a única recompensa dos seus grandes considerações. A homenagem que prestam aos seus concidadãos consiste numa simples coroa verde que logo marcha caso se disponha a usá-la. Um presente barato. Mas o cidadão mais humilde também pode trançar esta coroa e colocá-la na cabeça daquele que a merece e desta simples homenagem se diz que é a mais honesta, honrosa do que aqueles adornos cintilantes usados comumente para dignificar a fama.

Muito virtude!

Que sejam estas palavras dedicadas ao falecido Dr. Fritz Müller, não só um ornamento oferecido por nossa pequena cidade, mas de todo o mundo científico ao grande sábio, ao bom homem, uma humilde folha nesta coroa, assim o falecido não sentirá a falta do monumento cujo lugar ainda o aguarda.

Que uma curta biografia seja o esboço para um diálogo sob seus feitos e seu carácter estranho que talvez só encontrá-lo igual ao também falecido há pouco tempo o colega de profissão, o botânico australiano Barão von Müller.

Fritz Müller nasceu a 31 de março de 1822, na casa paroquial de Windischholzhausen em Erfurt. Seu bisavô e avô foram pastores. Veio com seus pais aos 6 anos de idade para o pequeno povoado

de Muehlberg.

Em 1835 ingressou no ginsêio de Erfurt e viveu com seu avô materno e conhecido químico Johannes Bartholomew Tromsdorf. Por iniciativa do mesmo, que como muitos colegas de profissão passara do estudo de farmacêutico para o estudo de química, Müller ingressou após cinco anos de ginsêio numa farmácia em Neumburg am der Saale. Permaneceu na mesma semente um ano, pois a vida de vendeiro farmacêutico não o agradava. No ano de 1841, não o encontramos na Universidade de Berlim para estudar ciências físicas e naturais e no também matemática. Em 1842 foi durante dois semestres à Greifswald. Em 1843, novamente em Berlim onde fascinado e influenciado pelo maior biólogo do século Johannes Müller, talvez tivesse pela primeira vez a idéia de dedicar-se ao estudo de biologia no exterior e a este estudo dedicar toda sua vida.

Em 14 de dezembro de 1844 baseado em sua dissertação: "De hirudinibus circa Berolinam hucusque observatis" promoveido à doctor pela Faculdade de Filosofia. Além de seu maior incentivador deve muito dos seus estudos aos zoólogos Lichtenstein e Erichson, ao Botânico Kunth de Berlim, como também Hornbusch de Greifswald. Após o termino de seus estudos se submeter aos exames de professor superior da Prússia. Resolveu no entanto voltar em 1845 mais uma vez à Greifswald para estudar medicina. Já em seu propósito tornar-se médico e mais tarde exercer a medicina num navio para assim ter a oportunidade de conhecer países estranhos e em particular visitar as regiões dos trópicos. Distintos colegas de classe com os quais mantivera relações de amizade foram maximamente seu irmão Hermann, os futuros famosos zoólogos Max Schultze e Oskar Schmidt, assim como mais tarde o famoso escritor folhetonistas de ciências físicas e naturais Anton Karsch e o futuro diretor do Ginsêio Real de Berlim Franz Wenzlauff.

Durante algum tempo também brincou com a idéia de procurar na Prússia um lugar como Professor superior. Mas sua honestidade que nunca soube disfarçar fez com que abandonasse este propósito. Era contrário aos seus princípios de livro pensador, prestar o juramento como funcionário de Estado da Prússia com uma simples fórmula. "Que Deus esteja do meu lado, em nome de Jesus Cristo Etc, etc... Assim redigia uma petição ao Ministério pedindo que o liberassem desta fórmula e o juramento com um simples aperto de mãos. A burocracia indeferiu esta solicitação. Aqui seja ressaltado para o conhecimento da atual geração de nossos jovens cientistas - que apesar de Hückel sem maiores subterfúgios já revelou claramente ao acontecido, fazendo seus comentários a respeito, um jovem cie

tista alemão cujo necrológio aqui, diz desconhecer os reais motivos da não contratação do mesmo, e que o governo fez foi "por motivos dos conhecidos.

Assis Müller aceitou um cargo de professor domiciliar em Meeverpomseran, e ocupou o cargo até 1852, lá conheceu a sua futura esposa. O caso das reações políticas e religiosas foi com que a sua partida da pátria fosse menos penosa, pois nunca mais poderia ver.

A 19 de maio de 1852 o jovem doutor em companhia de sua esposa e filha de apenas um ano de idade partiam de Hamburgo. Chegaram em 19 de julho na costa brasileira. Veio para Blumenau em 22 de agosto do mesmo ano. No Garcia e recém chegada abriu uma roça, construiu uma choupana de palmito e viveu durante quatro anos em absoluta solidão, dos quais mais tarde se referia com simpatia e resignação, classificando-os como os mais felizes de sua vida.

Em 1856, lhe foi oferecido um lugar como professor no Colégio em Luterre. Permaneceu no cargo durante 12 anos. Nesta época seguiu com suas mais perspicazes observações e a redação do livro que tornou-o conhecido no meio científico e ao contato com Darwin. Quero dizer "para Darwin" que traz o estranho mote "Mallius in verba jurans aliorum inventa consarcinare hanc institui" Um lema ao qual ficou praticamente fiel toda a sua vida. No ano de 1867 teve que deixar seu emprego porque ocorreu mais uma das muitas mudanças do partido político, em que a história da monarquia brasileira era tão rica. Pessoas do Governo levaram a considerar o sábio e pesquisador, cujos os trabalhos de apoio do Darwinismo eram feitos por ele, e consideraram um inimigo e assim foi demitido. Regressou à Blumenau, onde passou a morar numa pequena propriedade que adquiriu. Ali viveu até pouco antes de sua morte, e continuou suas pesquisas.

Em 1870, foi nomeado "Naturalista Viajante do Museu Nacional" o que lhe dava uma pequena renda. No tempo da República esta pequena renda foi perdida ante a sua recusa de transferência para o Rio de Janeiro, por não poder ir e como não aceitar a transferência. Este assunto tornou-se motivo de uma grande agitação. Ernst Haeckel em seu necrológio dedicado a Fritz Müller expressa-se mais ou menos da seguinte forma:

Este procedimento indigno nos países de idioma português não é raro! Provocou uma indignação na pátria alemã que a redação da Revista Semanal Científica de Berlim publicou a todos que "honras e nome alemão e a ciência alemã" e seguinte apelo para o auxílio do Dr. Fritz Müller:

O septuagendário, significativo cientista, respeitável também por Charles Darwin, colocou sua força de espírito e seu trabalho à disposição do governo Brasileiro por mais de 40 anos; Ocupando até junho

Müller enriqueceu consideravelmente o referido Museu com incalculáveis preciosidades. E agora depois que este cientista através de sua atividade obteve o maior reconhecimento no círculo científico de dois mundos, decreta o novo governo republicano que o idoso sábio abandone o lar e sua propriedade na qual tantos estudos fez que se tornaram propriedades de zoólogos e botânicos de todo mundo para se transferir ao Rio de Janeiro. Não terá apenas que mudar o lar como também deixar o Estado para se deslocar a outro, onde com uma mísera remuneração de 2 contos de Reis anuais viveria com dificuldades. Dr. Müller recusou esta intimação, o Governo como represália não só enviou a sua demissão imediata, como também suspendeu a remuneração ao idoso sábio que tão abnegadamente colocou-se a disposição da pesquisa científica, como também não lhe pagou qualquer indenização ou reservasse um direito à pensão. Creemos que é mais uma nova manobra que visa attingir por obscuras manipulações o "estranho" e "alemão" ao qual o novo Governo rouba a possibilidade de subsistência ;

Assim nós nos unimos a redação do "NATURE" em oferecer ao sábio alemão um adorno entre os nomes alemães para seus 70 anos (1/31/março/1892) um brinde que o afastará das preocupações da velhice. O que nós ao povo tantas vezes fez para poetas e artistas, temos certeza que não negará a este sábio como gesto de gratidão, com que um grande povo homenageia-se a si próprio, sabendo que de sua raça surgiram homens de valor inestimáveis.

Este apelo publicado na Revista Semanal de Ciências ~~XXXXXXXX~~ "Físicas e Naturais" em 25 de outubro de 1891 nº 43. Em pouco tempo conseguiu significativo soma em dinheiro. Quando Fritz Müller soube do caso, recusou-se a receber com a mesma modestia que lhe era particular. Até aqui Ernst Haeckel a quem tudo interessava já estava falecido, ~~XXXXX~~ ~~XXXXXX~~ Cinco anos mais tarde era enterrado no cemitério evangélico de Blumenau Fritz Müller. O procedimento do Governo Brasileiro não quer desculpar. Mas acusar diretamente a nação ou a forma injusta do Governo. O Brasil monarquista fechou ao ilustre homem a possibilidade de lesionar no ginecário, sem que a Alemanha científica se manifestasse em favor daquele que escreveu para "Dravina" e que aos seus 70 anos era realmente tarde.

Em Fritz Müller todo mundo cultural pecou, quando ninguém foi encontrado para colocá-lo no lugar merecido. Com grande amargura humana preciso mencionar aqui que sua própria pátria que dispensa incalculáveis somas em orçamentos hostis a cultura não tentou recuperar um homem como Müller novamente para si e para o mundo científico alemão. Um homem tão valeroso que em condições mais do que humildes colhia uma

ambição de criar-lhe um campo de atividades onde pudesse demonstrar o seu talento e conhecimento. Haeckel era militar e hostilizado por não acreditar em Deus. E. Haeckel em algumas páginas mais adiante - diz praticamente o mesmo.

Tanto mais é de lamentar que uma rara força tão cedo se perdeu para a pátria alemã. Pois é indubitável que como professor e pesquisador teria prestado serviços mais relevantes aqui do que no Brasil podia fazer. Perdidos preciosos anos de pesquisa - trabalhando como agricultor para garantir o pão de cada dia. As reais possibilidades foram dificultadas pela enorme distância para contatos com uma vida espiritual mais elevada como também a literária e outros auxílios. Recentemente se referiram a todos os homens patrióticos que pretendiam uma reforma radical em nossas condições - políticas e sociais como "críticos masquiados" convidando-os a deixar o país. Não somos de opinião contrária e desejamos de todo o coração que estes homens honestos e leais como Fritz Müller, permanecessem firmes sob as atuais condições bizantinas prestando serviços à pátria.

INTIA ILIUM ET EXTRA

O apreço e consideração que é prestado à sua pessoa, ninguém certamente negará ao morto. Era um homem que até o último momento conservou o caráter de uma criança que no bom sentido vive além da concepção do bem e do mal. Sempre prestativo para qualquer momento prestar seu auxílio ao mais humilde adepto da ciência. Não - muito tempo antes da sua morte ensinava aos filhos de um amigo os estudos mais elementares, despretencioso ao extremo - nunca se ouvia de sua boca a mais leve alusão de ódio ou inveja - sua vida desde o primeiro dia ao último era um quadro escrito com traços simples e claros. Como jovem fiel aos seus princípios negando o juramento, assim como ancião proibiu qualquer pompa por ocasião de sua morte e também a cerimônia religiosa do pastor. Um amigo ao qual estava ligado por uma amizade de longa data preferia, algumas palavras junto a sepultura que foram tão simples quanto a sua vida.

O auxílio pecuniário ele o rejeitou não só de Haeckel como também de próprio Darwin. Mesmo após a grande enchente de 1880 quando uma ajuda teria sido significativa para ele. Na última carta que dirigiu à Haeckel antes de sua morte ele escreve:

" De sua amável oferta de auxílio material eu em posição da necessidade aceitaria, mas espero que a minha pequena economia

Estas modestas palavras escreve um homem que durante toda a sua vida não pode comprar um microscópio ou mesmo os ditos lançamentos de livros para seu estudo.

Komow conigo lamentou-se certa vez que não poderia terminar seu livro sobre as "Natürliche Pflanzenfamilien" (Classe de plantas naturais) por não ter um microscópio e depois amargou do diásporo "Na limitação é que revela-se o mestre". Seu sobrinho Dr. Alfredo Müller que aqui merca alguns anos e muito gostou de Blumenbach em relatório conta sobre as pobres instalações técnicas de seu quarto de estudo e que seu tio num raio de sarcasmo dissera. "As atuais instalações de laboratórios europeus estão em oposição as de seus inquilinos" E realmente do pequeno quarto, suficientemente grande para comportar uma cama, mesa, cadeira e rusticidade estante saíram uma inenunciável de obras que enriqueceram o mundo científico. Nisto um professor de um laboratório decorado com uma infinidade de superfícies e cercado por um exército de assistentes - pode tomar exemplo.

Assim também a pequena casa escondida na floresta vizinha sempre foi um lugar de atração para outros pesquisadores da natureza. Não contando a enorme correspondência sobre questões naturalistas que recebia e enviava. Visitava-o por algum tempo seu irmão mais novo Wilhelm - hoje professor de Ecologia em Greifswald (1894-95) Durante 3 anos (1890/1893) passou com ele o pesquisador de fungos e cogumelos Dr. Alfredo Müller e Dr. F.W. Schimper. Também estudou com ele a vida e o comportamento das formigas o Sr. Dr. H. Schenk. Tão mesquinho como foram os governos de suas duas pátrias no que tange o reconhecimento a este homem tão mais generoso mostrou-se a República da Ciência.

Em 1868 recebeu o título de Dr. Honoris Causa da Faculdade de Filosofia de Bonn, juntamente com o príncipe real da Prússia e mais tarde Imperador Frederico III e o médico francês Dr. Louis Pasteur. A este exemplo seguia também a Universidade de Tübingen e a Academia Leopoldina - Carolina. Ao completar 53 anos de Doutorado foi agraciado com o título de Dr. Honoris Causa de Filosofia pela Universidade de Berlim. Aos 70 anos recebeu um precioso álbum com dedicatória carinhosa de quase todos os representantes ilustres da Ciência Naturalista alemã, e de qual tinha muito orgulho. Se estas palavras constituem em primeiro lugar uma homenagem a este homem extraordinário tão vocemente expresse aqui desejo que entre a atual geração um ou outro encontre um estímulo e o incentivo em seguir o exemplo. Esta juventude que naturalmente terá outros objetivos do que seus pais ou antepassados se lembram sempre deste homem de cabelos grisalhos que em condições as mais humildes podem ser alcançados os maiores sucessos a única recompensa dada à um homem. (vire..